

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

LUCIANE BELONI

**A ESTÉTICA DAS ILUSTRAÇÕES DO TAROT DE
MARSELHA: uma nova plasticidade poética**

Passo Fundo, RS

2021

LUCIANE BELONI

A ESTÉTICA DAS ILUSTRAÇÕES DO TAROT DE
MARSELHA: uma nova plasticidade poética

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais, Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais, sob a orientação da Prof.^a M.^a Marilei Teresinha Dal’Vesco.

Passo Fundo, RS

2021

Luciane Beloni

A estética das cartas do Tarot de Marselha: uma nova plasticidade poética

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais, Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais, sob a orientação da Prof.^a M.^a Marilei Teresinha Dal’Vesco.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.(a). Ms. Marilei Teresinha Dal’Vesco - UPF

Prof.(o). Ms. Daniel Confortin - UPF

Prof.(a). Ms. Lorilei Secco - UPF

A todos que acreditam que somos parte da Arte maior do Criador. E tudo que criamos é reflexo de sua criação.

Agradeço a minha orientadora Prof.^a M.^a Marilei Teresinha Dal’Vesco, que me acompanhou durante esse período, sempre me mantendo centrada no meu objetivo. Aos demais professores do curso de Artes Visuais, por todo conhecimento passado. A colega Ana Julia Saqueti, por ter aceitado participar das fotos. Aos meus pais, em especial ao meu parceiro Ismael, que sempre acreditou e me incentivou na minha jornada artística.

“Aquele que olha para fora sonha. Mas o que olha para dentro acorda.” (Carl Gustav Jung)

MEMÓRIAS DA TEMÁTICA

Minha paixão pelo Tarot começou aos vinte e dois anos, de certa maneira era encantador ver como alguém podia “ler” uma pessoa através de uma figura em uma carta. Ainda não tinha conhecimento sobre leitura de imagem. Algum tempo depois, comprei um livro para iniciantes com o Tarot ilustrado por Ciro Marchetti, suas ilustrações eram coloridas e prendiam a atenção nas leituras, pois quando via as ilustrações de Marselha não compreendia como era possível ver algo em desenhos simples.

Ao longo do tempo e da faculdade de Artes Visuais percebi que não havia nada de sobrenatural na leitura das cartas, e sim, que tudo era uma leitura de imagem e dos arquétipos. Lembro-me de ter visto em uma das aulas um vídeo de Jodorowsky que falava sobre o Tarot de Marselha, e aquele vídeo ficou como uma lembrança recorrente.

Comecei algumas leituras sobre a temática e logo o assunto, bem como as ideias para o processo criativo, tornaram-se cada vez mais claras. Cada carta estudada e aprofundada era uma história com seus símbolos, alegorias e enredo, mas que seguiam uma sequência formando um caminho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a criação de uma nova plasticidade da poética das imagens do Tarot através da edição destas sem alterar seu significado, por meio dos arquétipos de Jung. Em um primeiro momento foi feita uma análise sobre as origens do Tarot e sobre sua estrutura. Em seguida, buscou-se compreender o entendimento que se tem sobre o Tarot ao longo do tempo e dos estudos realizados, principalmente pela área da psicoterapia junguiana, quando o este deixa de ser uma simples arte divinatória, buscando constantes respostas e explicações para eventos relacionados a sua linha do tempo (passado e presente) assim como “respostas” para o futuro, e passa a ser tratado como uma forma de estudo dos arquétipos e do inconsciente coletivo, servindo, dessa forma, como meio de acessar memórias e lembranças já vividas e de obter essas respostas. Nesta pesquisa, o Tarot de Marselha foi o baralho escolhido para ser analisado e usado como base para o trabalho prático criativo. Tal escolha justifica-se porque este é um dos tarôs mais antigos em uso na atualidade e porque ele possui em si uma significação que constrói uma associação com os arquétipos. Das ilustrações dos vinte e dois Arcanos Maiores, quinze foram escolhidas como base de estudo para a elaboração de fotomontagens que possibilitassem a união de símbolos representativos dos arquétipos e do inconsciente coletivo de Jung. Tais símbolos foram alocados um a um em composição de modo compartimentado a fim de reconstruir nas fotomontagens a mesma significação encontrada no Tarot de Marselha.

Palavras-chave: Arcanos. Arquétipos. Fotomontagem. Tarot.

RESUMEN

Este trabajo tiene, como objeto de estudio, la creación de una nueva plasticidad poética de las imágenes del tarot por medio de la edición de imágenes sin alterar su significado por medio de los arquetipos de Jung. De primero ha sido hecho un análisis sobre los orígenes del tarot y sobre su estructura. Enseguida se ha buscado comprender el entendimiento que se tiene sobre el tarot a lo largo del tiempo y de los estudios realizados, principalmente en el área de la psicoterapia de Jung, que es cuando el Tarot deja de ser una simple arte divinatorio, buscando constantes respuestas y explicaciones para eventos relacionados a su línea temporal (pasado y presente) así como repuestas para el futuro, y pasa a ser considerado como una manera de estudiar los arquetipos y el inconsciente colectivo como medios de acceder memorias y recuerdos y obtener esas respuestas. En esta pesquisa, el Tarot de Marsella ha sido la baraja elegida para ser analizada y utilizada como base para el trabajo practico creativo. Esta elección se justifica por ser este uno de los tarots más antiguos en uso en la actualidad y porque posee una significación que se puede asociar a los arquetipos de Jung. De las ilustraciones de los veintidós Arcanos Mayores, quince han sido elegidas como base de estudios para la elaboración de fotomontajes que posibiliten la unión de los símbolos representativos de los arquetipos y del inconsciente colectivo de Jung. Estos símbolos han sido puesto uno a uno en composición de manera compartimentada para reconstruir en los fotomontajes la misma significación encontrada en el Tarot de Marsella.

Palabras clave: Arcanos. Arquetipos. Fotomontaje. Tarot.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Tarot de Marselha, de Nicolas Conver. Começou a ser impresso em 1760.	17
Figura 2	O Tarot de Marselha-Grimaud (1930).....	21
Figura 3	O Tarot de Marselha-Camoin (1998).....	21
Figura 4	Carta do Louco - Tarot de Marselha-Camoin (1998).....	22
Figura 5	O Louco como aventureiro.....	24
Figura 6	Carta do Mago – Tarot de Marselha-Camoin (1998).....	25
Figura 7	O Mago como criador.....	27
Figura 8	Carta da Sacerdotisa – Tarot de Marselha-Camoin (1998).....	28
Figura 9	A Sacerdotisa como provedora do autoconhecimento.....	29
Figura 10	Carta da Imperatriz – Tarot de Marselha-Camoin (1998).....	30
Figura 11	A Imperatriz como criadora.....	31
Figura 12	Carta do Imperador – Tarot de Marselha-Camoin (1998).....	32
Figura 13	O Imperador como construtor.....	33
Figura 14	Carta do Papa –Tarot de Marselha-Camoin (1998).....	34
Figura 15	O Papa como culto.....	36
Figura 16	Carta do Enamorado –Tarot de Marselha-Camoin (1998).....	37
Figura 17	O Enamorado como decisor.....	39
Figura 18	Carta do O Carro–Tarot de Marselha-Camoin (1998).....	40
Figura 19	O Carro como triunfo.....	42
Figura 20	Carta da Justiça–Tarot de Marselha-Camoin (1998).....	43
Figura 21	A Justiça como a Consciência.....	45
Figura 22	Carta do Eremita –Tarot de Marselha-Camoin (1998).....	46
Figura 23	O Eremita como conhecimento.....	48
Figura 24	Carta da Roda da Fortuna –Tarot de Marselha-Camoin.....	49
Figura 25	A Roda da Fortuna como mudança.....	51
Figura 26	Carta da Força –Tarot de Marselha-Camoin (1998).....	52
Figura 27	A Força como dominadora.....	54
Figura 28	Carta do Enforcado –Tarot de Marselha-Camoin (1998).....	55
Figura 29	O Enforcado como sacrifício.....	56
Figura 30	Carta da Morte –Tarot de Marselha-Camoin (1998).....	58
Figura 31	A Morte como fim de um ciclo.....	60

Figura 32	Carta da Temperança –Tarot de Marselha-Camoin.....	61
Figura 33	A Temperança como alquimista.....	63

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	O TAROT: DO SIMBOLISMO AO INCONSCIENTE COLETIVO.	15
2.1	AS ORIGENS DO TAROT E SUA ESTRUTURA	15
2.1.1	Jung e suas contribuições ao Tarot.....	18
2.2	O TAROT DE MARSELHA.....	19
2.2.1	As cartas Marselha e suas ilustrações.....	21
2.2.1.1	<i>O Louco.....</i>	22
2.2.1.1.1	O Louco como aventureiro.....	23
2.2.1.2	<i>O Mago.....</i>	25
2.2.1.2.1	O Mago como criador.....	26
2.2.1.3	<i>A Sacerdotisa.....</i>	27
2.2.1.3.1	A Sacerdotisa como provedora do autoconhecimento	28
2.2.1.4	<i>A Imperatriz.....</i>	29
2.2.1.4.1	A Imperatriz como criadora.....	31
2.2.1.5	<i>O Imperador.....</i>	32
2.2.1.5.1	O Imperador como construtor.....	33
2.2.1.6	<i>O Papa.....</i>	34
2.2.1.6.1	Papa como ser culto.....	35
2.2.1.7	<i>O Enamorado.....</i>	36
2.2.1.7.1	O Enamorado como decisor.....	38
2.2.1.8	<i>O Carro.....</i>	40
2.2.1.8.1	O Carro como triunfo.....	41
2.2.1.9	<i>A Justiça.....</i>	43
2.2.1.9.1	A Justiça como a Consciência.....	44
2.2.1.10	<i>O Eremita.....</i>	45
2.2.1.10.1	O Eremita como conhecimento.....	47
2.2.1.11	<i>A Roda da Fortuna.....</i>	48
2.2.1.11.1	A Roda da Fortuna como mudança.....	50
2.2.1.12	<i>A Força.....</i>	52
2.2.1.12.1	A Força como dominadora.....	53
2.2.1.13	<i>O Enforcado.....</i>	54

2.2.1.13.1	Enforcado como sacrifício.....	56
2.2.1.14	<i>A Morte</i>	57
2.2.1.14.1	A Morte como fim de um ciclo.....	59
2.2.1.15	<i>A Temperança</i>	60
2.2.1.15.1	A Temperança como alquimista.....	62
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
4	REFERÊNCIAS	66

1 INTRODUÇÃO

O ser humano sempre está à procura de um sentido para fenômenos, acontecimentos ou ainda de simples respostas, sendo assim em sua trajetória desenvolveu meios para explicar fatos, fenômenos, a percepção de passado, presente e futuro e os meios para explicar seu encadeamento. As artes divinatórias, como o Tarot, surgiram com este fim.

Com o passar dos tempos, as cartas de Tarot, por do meio da ilustração, ganharam, além de uma compreensão maior dos significados, um vasto conjunto de símbolos. Jung, em seus estudos sobre inconsciente coletivo, já utilizava as figuras do Tarot como arquétipos, sendo eles padrões profundos do inconsciente coletivo.

O presente estudo tem o intuito de apresentar uma nova plasticidade da poética das imagens dos Arcanos Maiores das cartas de Tarot, utilizando a edição de imagens como meio da representação simbólica em cada uma destas, baseando-se nos estudos dos arquétipos de Jung.

A principal questão de pesquisa que norteou o estudo: Como criar uma nova plasticidade da poética das imagens do Tarot através da edição de imagens sem alterar seu significado, através dos arquétipos de Jung?

Para buscar a resposta utilizou-se, como base, o Tarot de Marselha, visto que este é considerado um dos primeiros tarots completos, depois das primeiras cartas elaboradas na história.

As cartas de Tarot chamam muito a atenção, algumas por possuírem suas ilustrações coloridas e com um vasto panorama de símbolos, outras por serem simples e enigmáticas, como é o caso do Tarot de Marselha. Quando comecei a estudar Artes Visuais, percebi um elo entre as cartas com suas alegorias e os símbolos em nossa mente. Com isso houve como uma sincronicidade, criando um sentido, não sendo apenas como muitos descrevem: apenas um mero acaso, ou ainda, um mistério.

Através do estudo das ilustrações do Tarot e seus significados, buscou-se elaborar fotografias isoladas, na qual as imagens foram editadas em programas de edição, para que fossem criadas fotomontagens com símbolos representativos de cada carta dos Arcanos Maiores. O principal meio para a escolha dos símbolos a serem colocados em cada carta será o estudo sobre arquétipo e inconsciente coletivo de Jung.

O trabalho trata da simbologia disposta nas cartas do Tarot de Marselha através da iconografia dos Arcanos Maiores, não foi realizado estudo através dos outros tarots existentes, visto que há uma gama deles criados até os dias de hoje. Assim, por ser o tarot conhecido

como o mais antigo, o de Marselha foi usado como a base. A simbologia da numeração das cartas também não será analisada, pois o trabalho tem o intuito de destacar apenas a parte do simbólico da imagem.

No decorrer do estudo algumas questões serão norteadoras para o trabalho, dentre elas como o Tarot chegou até os dias atuais. E, nesse percurso, como as cartas criaram significados próprios para as leituras? Nisso, podemos analisar se os arquétipos de Jung podem ser ilustrados através da edição de imagens, e se, ao criar uma nova plasticidade da poética destas, é possível manter o significado de cada arcano.

O objetivo geral deste trabalho é criar uma nova poética através da fotografia para as cartas de Tarot. Para isso algumas etapas foram necessárias, sendo elas: apresentar uma linha do tempo para o Tarot até os dias atuais; apresentar os estudos de Jung sobre os arquétipos nas cartas de Tarot; fazer uma breve contextualização de cada carta e símbolos nelas contidos; pesquisar a fotografia como forma de ilustrar as cartas dos arcanos maiores; valer-se de outros símbolos que mantenham o mesmo significado das ilustrações antigas.

O trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa qualitativa com o caráter de explorar o campo de estudo sobre as ilustrações do Tarot. Com base nos objetivos propostos pelo projeto, foi realizada uma pesquisa exploratória que, segundo Gil (2008), proporciona maior familiaridade com o problema. Deste modo, como processo para este estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica feita por meio de um levantamento de referências que, segundo Fonseca (2002, p. 32), “é feita a partir de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”.

A ferramenta usada para dar forma aos símbolos foi o Photoshop. Com ele foi criado uma nova cena em cada carta. Alguns conceitos sobre edição de imagem e fotomontagem foram utilizados para o processo. A fotomontagem auxilia na elaboração das cartas por ser uma ferramenta que possibilita a união de símbolos, de maneira que estes possam ser alocados um a um em composição.

Neste sentido, o presente trabalho apresenta, por meio da edição de imagens, uma nova plasticidade da poética, mas mantendo o simbolismo dos elementos dispostos em cada carta.

2 O TAROT: DO SIMBOLISMO AO INCONSCIENTE COLETIVO

2.1 AS ORIGENS DO TAROT E SUA ESTRUTURA

Na busca da sobrevivência, desenvolvem-se os meios de lidar com o ambiente mais imediato, que fornece o ar, a água, os alimentos, o outro e tudo que é necessário para a sobrevivência do indivíduo e da espécie. São técnicas e estilos de comportamento individual e coletivo (D'AMBROSIO, 2002).

Depois dessas técnicas de sobrevivência básicas, o ser humano buscou a transcendência por meio da percepção de passado, presente e futuro. E procurou meios para explicar o seu encadeamento, os fatos e os fenômenos. Esses meios são as *technés*, artes e técnicas que evoluem como memória, individual e coletiva, representações do real, elaborações sobre estas, ou seja, pelas imagens, sistemas de explicações sobre as origens e a criação, assim como mitos e mistérios e tentativas de saber o futuro, pelas artes divinatórias.¹

As artes divinatórias e os oráculos fazem uso de toda a rica mitologia ancestral para explicar e pré-ver acontecimentos externos, que na realidade têm sua origem nos impulsos inconscientes do ser humano (BAPTISTA, 2017).

Assim como os antigos oráculos, as cartas de Tarot são utilizadas como uma maneira de aconselhamento, embora alguns acreditem que elas sejam uma maneira de adivinhação de acontecimentos futuros.

O Tarot é um dos meios divinatórios mais usados no presente e existem poucos casos em que as previsões foram feitas através deste método de obtenção de acertos que desafiam as leis da probabilidade. Ele também é usado como uma ferramenta para meditação e autoconhecimento e algumas pessoas o empregam como um auxílio na tomada de decisões.

As origens do Tarot são desconhecidas, mas acredita-se que o baralho de cartas tenha em média seis séculos e seja anterior às cartas de jogo. Mais do que um baralho de jogo tradicional com naipes e cartas da corte, o Tarot possui em sua composição as cartas de trunfo.²

¹ Extraído das anotações de Ubiratan D'Ambrósio. Arquivo Conhecimento e Comportamento na evolução da espécie humana, p. 3, disponível em <https://livrozilla.com/doc/1026100/livro-para-comprar>.

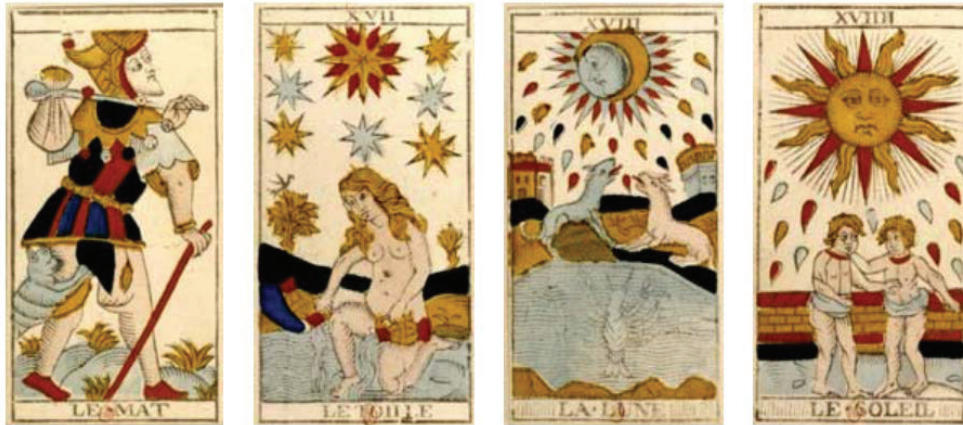
² Os estudos científicos que se tem a respeito das origens do tarOT são bastante escassos, por esta razão foram retiradas informações do site www.clubedotaro.com.br: “Clube do Tarô”, onde contém um vasto material informativo referente ao Tarot.

Na Europa Central, as estranhas cartas do Tarot têm permanecido em uso constante em jogos e na cartomancia. Agora, na América, o Tarot veio repentinamente à tona da consciência pública. Como as figuras enigmáticas que surgem de repente, inesperadamente, em nossos sonhos, os personagens do Tarot parecem estar gritando para nos chamar a atenção (NICHOLS, 1997, p.12).

O mais conhecido, o Tarot de Marselha, é um dos baralhos mais antigos e ainda hoje usados. Suas imagens são medievais, assim como suas cores primárias, devido aos recursos gráficos da época. Sendo assim, essas imagens mesmo sendo muito enigmáticas estão alocadas em nosso consciente coletivo, principalmente na sequência dos Arcanos Maiores, estas cartas seguem uma jornada.

Naiff (2015) coloca que o tarot tradicional possui um conjunto de setenta e oito cartas que se dividem em dois grupos: os vinte e dois Arcanos Maiores (as cartas tidas como mais importantes do baralho) e os cinquenta e seis Arcanos Menores (que tratam dos pormenores da vida de cada indivíduo no momento de uma consulta oracular). Dezesseis dessas cartas são as quatro cartas das quatro cortes – Paus, Copas, Espadas e Ouros. Essa é a estrutura considerada tradicional, já que, desde a Idade Média, os maços eram comercializados com este número específico de cartas. Estes maços de cartas vêm passando por diversas alterações pictóricas, narrativas, formais, mas sua estrutura permanece, cartas com uma ilustração que, em geral, remete ao seu significado imutável.

Figura 1: Tarot de Marselha, de Nicolas Conver, que começou a ser impresso em 1760³



Fonte: Clube do Tarô

As leituras oraculares com os arcanos do Tarot são feitas desde meados do século XVII com a popularização do Tarot de Marselha, que se tornou um objeto de acesso comum graças ao desenvolvimento da impressão em massa. Os significados e as imagens dos baralhos já existiam, mas eram mantidos sob o cuidado da aristocracia europeia – em países como França e Itália, especialmente neste último, que foi o berço destes maços de cartas. Ducados tinham estas cartas como presentes requintados e os significados de cada carta eram como amuletos (VASCONCELOS, 2017).

Para Naiff (2015), entre 1583 e 1811, na Espanha, e entre 1769 e 1832 em Portugal, houve empresas estatais na produção de cartas de tarô que produziam em média duzentos e cinquenta mil pacotes por mês para consumo interno e para colônias ao redor do mundo. Não para jogos divinatórios, mas como jogos lúdicos de jogatina.

Naiff (2015) ainda relata que o ofício de artesão de tarot era uma profissão em toda a Europa, desde 1455 até o fim do século XIX. As cartas pintadas à mão tinham um valor monetário maior e constavam do espólio de famílias nobres.⁴

³Trata-se de reprodução de um baralho que era realmente impresso em Marselha pelo gravador Nicolas Conver, cuja casa editorial funcionou de 1760 a 1890. As lâminas eram coloridas à mão sobre a impressão inicial do “risco” das figuras. Fonte: http://www.clubedotaro.com.br/site/h23_17_marselha.asp, acessado em 12 de setembro de 2021.

⁴ Retirado do texto Manifesto para o futuro do tarô por Nei Naiff. Fonte: http://www.clubedotaro.com.br/site/h22_3_neinaiff.asp

2.1.1 Jung e suas contribuições ao Tarot

Com o avanço da psicologia, no início do século XX, o Tarot Astrologia, entre outras técnicas passaram a ser vistos com outros olhos, por despertar interesses de alguns estudiosos sérios, passando a não ser mais visto como simples artes divinatórias.

As cartas do Tarot, por exemplo, tornaram-se um meio de acessar as informações que estão codificadas no inconsciente, como é descrito por Jung (2009, p.15)

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo "coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são 'cum grano salis' os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo.

Sendo assim quando se tiram as cartas de Tarot adquire-se nessa “leitura” um grau de autopercepção, pois elas possuem imagens que se repetem constantemente em diferentes lugares e tempos.

Nichols (1997, p.10) relata que:

Jung reconheceu de pronto, como o fez em muitos outros jogos e tentativas primordiais de adivinhação do invisível e do futuro, que o Tarot tinha sua origem e antecipação nos padrões profundos do inconsciente coletivo, com acesso a potenciais de maior percepção à disposição desses padrões.

Era outra ponte não-racional sobre o aparente divisor de águas entre o inconsciente e a consciência. Jung foi o primeiro a descobrir e estudar o inconsciente coletivo e dar a ele importância e significado atuais. Jung era, de certa forma, obcecado pelo mistério da consciência e da sua relação com o grande inconsciente.

Quanto mais pesquisamos as origens de uma “imagem coletiva” (ou, em linguagem eclesástica, de um dogma), mais vamos descobrindo uma teia de esquemas de arquétipos aparentemente interminável que, antes dos tempos modernos, nunca haviam sido objeto de qualquer reflexão mais séria. Assim, paradoxalmente, sabemos mais a respeito de símbolos mitológicos que qualquer outra das gerações que nos precederam. A verdade é que os homens do passado não pensavam nos seus símbolos. (JUNG, 2016, p. 128).

Jung usava o Tarot e suas imagens ilustrativas para auxiliar nas terapias, ele percebeu que as figuras do Tarot são arquetípicas, fazendo parte do inconsciente coletivo. Estas aparecem com frequência nos sonhos de qualquer indivíduo. Para Nichols (1997) os Arcanos Maiores são ideais para esse propósito porque representam simbolicamente as forças, instintos, que operam de modo autônomo nas profundezas da psique humana e que Jung denominou arquétipos. Quando se joga as cartas de Tarot, o inconsciente se organiza para trazer ao consciente para se posicionar, pois ele faz relembrar da essência, do arquétipo correspondente.

Do inconsciente emanam influências determinantes, as quais, independentemente da tradição, conferem semelhança a cada indivíduo singular, e até identidade de experiências, bem como da forma de representá-las imaginativamente. Uma das provas principais disto é o paralelismo quase universal dos motivos mitológicos, que denominei *arquétipos*, devido à sua natureza primordial. (JUNG, 2009, p. 71).

Para Jung (2009), a jornada que começa pela carta do Louco conduz uma verdade arquetípica penetrada no inconsciente coletivo profundo em busca de autoconhecimento a partir de perdas e desafios em vários estágios da vida. Esse é o processo de individuação do homem que permite descobrir sua originalidade única e atingir sua totalidade. A viagem dos Arcanos Maiores perpassa por níveis diferentes, desencadeia mudanças internas e estimula acontecimentos externos que, por sua vez, mobilizam de novo o interior, como um extenso círculo dançante.

2.2 O TAROT DE MARSELHA

O Tarot de Marselha é o jogo mais antigo que se utiliza nos dias atuais, algumas alterações foram feitas ao longo dos anos, nas cores e alguns poucos traços, porém seus símbolos se mantiveram. Guerra (2019, p. 223) traz um pequeno histórico dessas cartas:

O baralho mais antigo que se conhece é dos Tarocchi Visconti-Sforza, jogos de baralho pintados por encomenda às famílias Visconti e Sforza, governantes do ducado de Milão entre 1395 e 1499. Os Arcanos Menores foram possivelmente apropriados de cartas Árabes de jogar ou vêm de algum padrão comum anterior. O Baralho Mumluk, ou Mameluco, proveniente do oriente médio e norte da África, tem a mesma estrutura das cartas de jogar contemporâneas, com quadro naipes de 13 cartas. Seus desenhos são muito similares aos dos Tarots europeus posteriores. O Tarot que se tornou padrão é o Marselha, a cidade do sul da França foi um dos portos da região, sendo o ponto de encontro entre as culturas africana e oriental com a europeia. Marselha era o único lugar na região com manufaturas que poderiam fazer baralhos em série com xilogravura.

O Tarot se popularizou com o advento da impressão do século XV e , sobre tudo com o desenvolvimento da xilogravura, e o *deck* de Marselha teria sido criado pelos desenhistas de

iluminuras da idade média. Mas foi com Nicolas Conver em 1960, na época fabricante de baralhos comuns que propagou a iconografia que é estudada nesse trabalho (PARISSE, 2020)

Jodorowsky⁵ (escritor e cineasta Chileno) em um vídeo que conta como começou a restaurar o Tarot de Marselha juntamente com um descendente da família Camoin⁶, família esta que imprimiu o Tarot durante dois séculos. Este descendente possuía as pranchetas de madeira do antigo Tarot. “O deixamos exatamente como era... Não pudemos ir mais longe, por que não havia mais dados. Mas o mais antigo que se pode ter é isso. Restauramos as 11 cores, as figuras e tudo.”

Para Chioda (2009) o Tarot de Marselha teria perdido com o tempo a referência simbólica das cores, que foi recuperada em 1998 com a restauração de Philippe Camoin e Alejandro Jodorowsky. O Tarot restaurado por eles contém todo o simbolismo já conhecido, assim como algumas dezenas de detalhes simbólicos. Sobre as cores, a restauração está diferente dos Tarots de Marselha impressos a partir da segunda metade do século 19, que trazem apenas o vermelho, o amarelo e o azul, sem o azul claro e nenhuma outra cor. Estas cores primárias não são originais, sendo copiadas a partir de um baralho Camoin de 1880 na época da Era Industrial, devido ao surgimento de máquinas que não podiam imprimir mais que essas três cores.

⁵ De ascendência judeu-ucraniana e francês naturalizado, sua carreira se destaca principalmente em escrita, cinema e tarô. Iniciou suas atividades artísticas desde muito jovem, inspirado principalmente na literatura e no cinema. Ele publicou seus primeiros poemas em 1945, depois trabalhando com Nicanor Parra e Enrique Lihn. (retirado fragmento do site <https://fahrenheitmagazine.com/artes/artes-cine/el-psicomago-del-cine-y-el-tarot-alejandro-jodorowsky>)

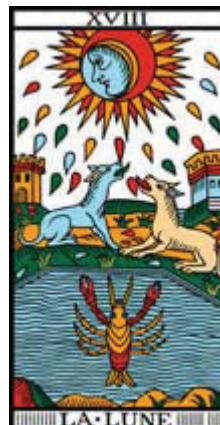
⁶ Philippe Camoin, herdeiro da Casa Nicolas Conver, uma empresa gráfica da cidade francesa de Marselha que imprimiu, a partir de 1760, o jogo que se tornaria célebre como Le Tarot de Marseille.

Figura 2 - O Tarot de Marselha-Grimaud (1930) apenas com as três cores básicas



Fonte: Clube do Tarô ⁷

Figura 3 - O Tarot de Marselha-Camoin (1998), reintroduz a variedade de cores



Fonte: Clube do Tarô ⁸

Ainda para Chioda (2009), a reconstituição do Tarot de Marselha é um marco do renascimento de uma tradição adormecida há vários séculos, que vai além do simples jogo de cartas.

2.2.1 As cartas Marselha e suas ilustrações

Nichols (1997) descreve os Arcanos Maiores como a representação das etapas ao longo da vida ou ainda como as que se pode vivenciar no decorrer de um único dia. Sendo assim, ela o organiza em três grupos de sete cartas, nas quais o Louco representa o próprio viajante em uma jornada, fora esquema de 21 cartas, como pudesse transitar entre elas. Pois ao ser colocado antes da carta de O Mago ele é o ignorante puro de coração, aquele que percebe sua falta de conhecimento e sabedoria e sai em busca delas.

Ao completar o ciclo de vinte e uma cartas esse personagem não é mais considerado ignorante e se torna sábio, não fazendo mais parte deste ciclo. Os três níveis das cartas são divididos nas primeiras sete cartas que vão de O Mago ao arcano de O Carro, depois do arcano de A Justiça até A Temperança. E, por fim, do arcano de O Diabo ao arcano de O Mundo.

Nos próximos itens serão apresentadas as cartas dos Arcanos Maiores do Tarot de Marselha bem como a análise da linguagem narrativa de cada carta seguindo o mapa da jornada arquetípica sugerido por Nichols (1997).

Seguindo a análise de cada carta, será apresentada uma nova plasticidade poética através da edição de imagens.

⁷ Fonte: http://www.clubedotaro.com.br/site/h23_1_index.asp acessado em 8 de setembro de 2021.

⁸ Idem

2.2.1.1 O Louco

No Tarot de Marselha, a figura do louco é ilustrada por um andarilho que carrega um cajado e uma pequena trouxa acompanhado por um cachorro. Nichols (1997, p.28) diz que,

[...] através do exame de outras possibilidades, [O Louco] terá escolhido o seu estilo de vida mais conscientemente; e, tendo feito as pazes com o seu impulso oculto de bancar o louco, pode encontrar maneiras de expressar essa necessidade no contexto de sua vida atual. (NICHOLS, 1997, p. 28).

Figura 4 - Carta do Louco – Tarot de Marselha-Camoin (1998)



Fonte: CLUBE DO TARÔ (1998)

Esta primeira carta dos Arcanos Maiores não é numerada como as demais, isso porque a carta da representação do Louco pode andar do início ao fim dos Arcanos, sem seguir a jornada dos Arcanos. Nichols (1997, p.53) explica que:

O conceito de zero, desconhecido do mundo antigo, só apareceu na Europa a partir do século XII. O descobrimento desse "nada" ampliou de maneira importante a capacidade de pensar do homem. Praticamente, criou o sistema decimal e, filosoficamente, concretizou o assombroso paradoxo de que o "nada" é realmente alguma coisa, ocupa espaço e contém poder. Afigura-se apropriado que o zero tenha sido atribuído ao Louco. (NICHOLS, 1997, p. 53).

⁹ Todas as cartas utilizadas para apresentação do Tarot de Marselha são da restauração de Alexandre Jodorowsky e Phillippe Camoin em 1998. As cartas foram retiradas do site Clube do Tarô fonte: http://www.clubedotaro.com.br/site/galerias/Mars_Jodo_Camoin_maiores.asp acesso em 7 de outubro de 2021.

O arquétipo do andarilho representa um impulso que vem de sua alma e segue por um caminho sem saber onde esse caminho vai dar, apenas sente que deve ir. Nichols (1997, p.28) coloca isso como “[...] a projeção do nosso mundo interior no exterior não é coisa que fazemos de propósito. É simplesmente a maneira como funciona a psique.”

Jodorowsky (2016, p.136) coloca que esta carta representa, pela sua numeração zero, “a energia original sem limites, a liberdade total, a loucura, a desordem, o caos, ou ainda a pulsão criativa fundamental”.

Ainda para Nichols (1997, p. 57), significa “[...] que o Louco do Tarô é o eu como prefiguração inconsciente do ego. Sendo assim esta carta é o lado instintivo”.

Para Jung (2009), a jornada do Louco conduz a uma verdade arquetípica que se firma no inconsciente coletivo profundo, fazendo referência aos primórdios da conscientização humana e às aventuras em busca de autoconhecimento a partir de perdas e desafios em vários estágios da vida. Esse é o processo de individualização do homem que lhe permite descobrir sua originalidade única e atingir sua totalidade.

Jodorowsky (2016, p. 140) coloca a carta do Louco como sendo “[...] um ser despendido de qualquer necessidade, de qualquer julgamento, à margem de qualquer proibição, havendo renunciado a qualquer exigência.”

2.2.1.1.1 O Louco como aventureiro

Como na descrição do arquétipo do louco no item anterior, foi colocado nas edições de imagens, símbolos que caracterizam a carta como o ser que sai pelo mundo a fora em uma aventura, sem as amarras terrenas.

Figura 5 - O Louco como aventureiro



Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2021

De fato, a ideia de um voo com balões ao ar livre contrapõe qualquer ideia de sensatez. Mas, ao analisar a figura na representação do Louco, se vê que ela ainda está com uma das mãos livres como se estivesse segurando algo que está abaixo dela, como se pudesse desistir da ideia. Como alguém jovem indo em busca de seu destino sem muito conhecimento e talvez, por este motivo, sem apresentar nenhum medo, como invocado por uma energia primitiva do ser. O fundo azul assim como os balões coloridos passam o conceito de ingenuidade, assim como no Tarot de Marselha.

O simbolismo que é atribuído aos balões de gás, segundo o Dicionário de Símbolos¹⁰, remete às crianças, à festa e à alegria. Como a direção da figura é o universo, a carta tem como simbologia a dinâmica da vida, a crença do homem num mundo de poderes superiores, benévolos ou malévolos no qual, acredita-se, está a origem de tudo que existe.

¹⁰ Fonte: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/balao/> acessado em 7 de outubro de 2021.

2.2.1.2 O Mago

Segundo Jodorowsky (2016, p. 145), para a figura do Mago “tudo é possível: ele tem sobre sua mesa uma serie de elementos que pode empregar como quiser e uma bolsa que podemos imaginar inesgotável”.

Figura 6 - Carta do Mago – Tarot de Marselha-Camoin (1998)



Fonte: CLUBE DO TARÔ (1998)

Para Nichols (1997, p.57), a figura da mesa na carta do Mago serve como centro do foco da energia, pois “estão colocados sobre a mesa da realidade, que lhe restringirá a atividade dentro dos seus limites para que a sua energia não extravase e não lhe fuja.”

A autora faz uma analogia da varinha que o Mago segura em uma das mãos com a Figura de Hermes, o deus das revelações: “Como o alquímico Mercúrio, que possuía poderes mágicos, o Mago pode iniciar o processo de autocompreensão, que Jung denominava individuação, e guiar nossa viagem pelo mundo inferior dos nossos eus mais profundos.”

O símbolo da varinha azul na mão esquerda, para Jodorowsky (2016, p.146), busca captar a força cósmica, enquanto a moeda de ouro na outra mão representa a perfeição, mas ela também é como um lembrete das necessidades cotidianas.

Nichols (1997, p.57), fala que o desenho da mão segurando tais objetos nessa carta “simboliza o poder do homem de domar e afeiçoar a natureza conscientemente, de canalizar-lhe as energias para um emprego criativo”.

Com relação as cores das vestimentas do Mago no Tarot de Marselha, Nichols (1997, p.58) coloca que elas recordam as vestimentas do Louco,

[...] como uma conexão apropriada, uma vez que ambos os personagens partilham do arquétipo do Embusteiro. Como acontece com o Louco, as cores variadas do Mago insinuam a incorporação de muitos elementos díspares, mas aqui as cores opostas estão mais conscientemente arrumadas umas em relação às outras.

Isso pode ser visto com relação ao azul e ao vermelho na calça, onde cada perna possui uma cor, assim como a parte de cima da roupa, como se fosse a oposição: perna esquerda azul, perna direita vermelha, sapato esquerdo vermelho, sapato direito azul, e assim por diante em toda a roupa do mago.

2.2.1.2.1 O Mago como criador

Com base no que os autores colocaram sobre a carta do Mago, percebe-se que ele tem o arquétipo do criador, seja na criação de algo real ou ilusório. Nesse sentido a carta possui os elementos representados pelo pincel que, assim como a varinha do Mago, tem a capacidade de criar como a um quadro de pintura.

A mesa na carta original tem à mostra apenas três pernas, o mesmo se manteve no cavalete, além do símbolo da Lemniscata, que está sobre o pincel. O artista tem a capacidade de criar ou recriar a sua realidade da mesma maneira que o Mago tem.

Figura 7 - O Mago como criador



Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2021

2.2.1.3 A Sacerdotisa

A carta da Sacerdotisa ou Papisa é a representação de uma figura religiosa feminina. Denominada A SUMA SACERDOTISA, que pode ser vista simbolizando o arquétipo da Virgem, arquétipo familiar nos mitos e escritos sagrados de muitas culturas (NICHOLS, 1997).

Jodorowsky (2016, p.150) a descreve como sendo a “Primeira mulher dos Arcanos Maiores, ela aparece enclausurada, sentada ao lado de um ovo tão branco quanto seu rosto oval. Ela está duplamente em gestação, desse ovo e de si mesma.”

Figura 8 - Carta da Sacerdotisa – Tarot de Marselha-Camoin (1998)



Fonte: CLUBE DO TARÔ (1998)

Com relação aos símbolos na carta contidos, Nichols (1997, p. 84) fala que a Sacerdotisa “segura na mão um livro aberto, sem dúvida um livro sagrado, simbólico da Palavra Divina”.

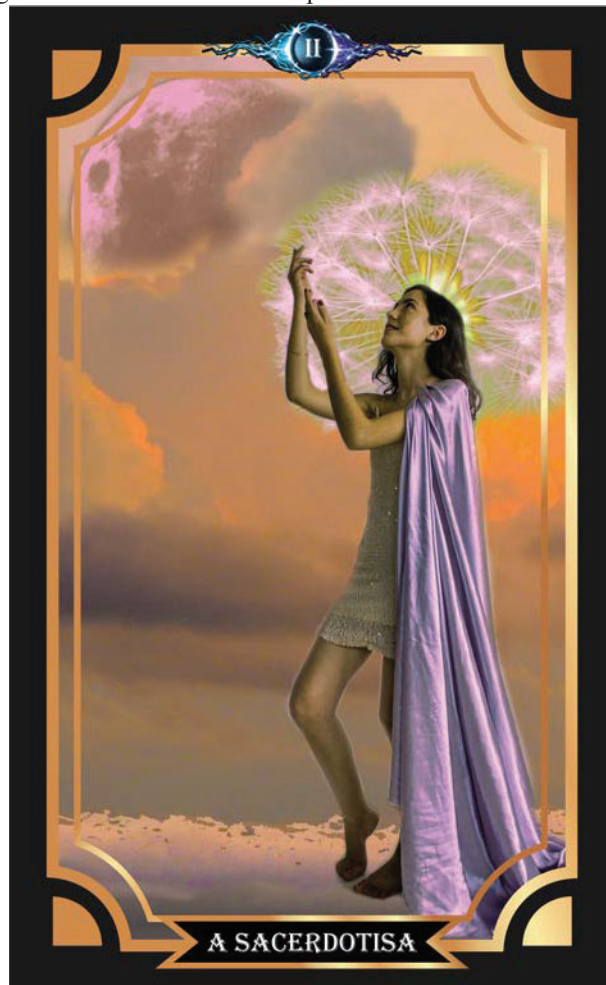
A figura da Papisa é comparada a duas grandes figuras míticas: a Virgem Maria, imaculada concepção destinada a levar Deus em seu seio; e a deusa Ísis, fonte mágica de toda fecundidade e de toda transformação (JODOROWSKY, 2016).

A pala enfatiza o eixo horizontal da cruz, a dimensão da realidade terrena. Liga o direito ao esquerdo, o consciente ao inconsciente, unindo-os de um modo prático. O poder da Papisa é a água: o poder frio, escuro, fluido da lua. Ela governa pela lenta persistência, pelo amor e pela paciência feminina. (Nichols, 1997).

2.2.1.3.1 A Sacerdotisa como provedora do autoconhecimento

A sacerdotisa está ligada ao sagrado, à elevação ao divino. E por isso os símbolos inseridos na carta nesse contexto, além das cores claras, remetem ao pensamento e à tranquilidade (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2007, p. 128).

Figura 9 - A Sacerdotisa como provedora do autoconhecimento



Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2021

Seus pés não tocam um chão rígido representando o estado sublime. Sua capa cobre parte do seu corpo, lado esquerdo, que está ligado ao masculino, enquanto seu lado direito, ligado ao feminino está exposto.

A flor dente-de-leão, aqui representando uma coroa, tem significado de liberdade, otimismo, esperança e luz espiritual. Assim como a lua que, segundo o Dicionário de Símbolos¹¹, “[...] é passiva, receptiva. É fonte e símbolo da feminilidade e da fecundidade. É a guia das noites, é o símbolo dos valores noturnos, do sonho, do inconsciente e do conhecimento progressivo, evocando a luz nas trevas da tenebrosa escuridão da noite.”

2.2.1.4 A Imperatriz

Como em um ciclo, a leitura dos Arcanos Maiores funciona da mesma maneira, se a carta da Papisa era ligada à gestação, ao pensamento, a carta da Imperatriz é a carta ligada à

¹¹ Fonte: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/dente-de-leao/> acessado em 8 de outubro de 2021

criatividade, a energia feminina. Nichols (1997) diz que, se comparadas apenas pelo nome, a carta da Papisa representaria a feminilidade espiritual, ao passo que a Imperatriz governa o reino mundano, mas temos indícios na carta da Imperatriz que mostram sua ligação ainda com o lado espiritual. Isso se dá pela águia de ouro que lhe adorna o escudo, ela sugere movimento ao longo do eixo vertical, indicando liberação e transformação.

Nichols (1997, p. 98) acrescenta que “no mito de Eros e Psique foi significativamente uma águia quem ajudou Psique a pegar as águas da vida e encerrá-las num vaso”. E que a conexão da Imperatriz com o espírito é ainda mais acentuada pelo modo com que ela segura a águia de ouro.

Figura 10 - Carta da Imperatriz – Tarot de Marselha-Camoin (1998)



Fonte: CLUBE DO TARÔ (1998)

Jodorowsky (2016) afirma que a águia estaria ainda em formação, pois uma das asas ainda não está terminada, e que ela seria um águia macho, enquanto a d'O Imperador seria uma fêmea, sendo assim ela porta em si um elemento de masculinidade. Nesse ponto em que a carta faria uma ligação entre feminino e masculino, Nichols (1997, p. 98) faz essa analogia com o símbolo:

[...] do orbe e da cruz de cabeça para baixo, naturalmente, é o signo de Vênus. Parece muito apropriado que ela segure o símbolo obliquamente, inclinado (digamos assim) na direção de Vênus, pois o amor é a força unificadora e regenerativa que liga yang e yin, o espírito e a carne, o céu e a Terra, unindo os opostos num abraço criativo até que alguma coisa inteiramente nova possa nascer incluindo os dois.

Desta maneira a carta da Imperatriz representa o arquétipo da mãe, outro indício disto é o desenho em que ela aparenta estar grávida.

2.2.1.4.1 A Imperatriz como criadora

A Imperatriz, por estar ligada ao arquétipo da mãe, é a fonte criadora.

Figura 11 - A Imperatriz como criadora



Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2021

O planeta Vênus faz referência ao feminino. Assim como o bastão que carrega, apontando para céu e para a terra, como tendo conexão terrena e espiritual.

As cores em tons de marrom e verde escuro representam a terra, assim como a árvore, que segundo o Dicionário de Símbolos¹², representa a Grande Mãe e possui uma figuração simbólica com significados muito diversos em diferentes culturas.

¹² Fonte: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/arvore/> acessado em 8 de outubro de 2021.

2.2.1.5 O Imperador

O primeiro símbolo que podemos encontrar na carta do Imperador e que representa autoridade é o trono. Este pode ser visto pelo fato de ser desenhado de lado. Como se pode ver, o Imperador não está totalmente sentado, está em posição de despreocupação. “Ele não sente nenhuma necessidade de se agitar, já que está estabelecido na consolidação de sua autoridade” (JODOROWSKY, 2016, p. 164).

Figura 12 - Carta da Imperador – Tarot de Marselha-Camoin (1998)



Fonte: CLUBE DO TARÔ (1998)

Além disso, alguns elementos que estavam na carta da Imperatriz aqui se repetem. Um deles é o brasão com a águia, porém na restauração da carta feita por Jodorowsky (2016) percebe-se que a águia está com um ovo. Sobre isso o autor coloque que:

Esse detalhe, que ficara apagado durante séculos, é fundamental para compreender o Arcano UH: assim como A Imperatriz, feminina, contém um núcleo masculino, O Imperador está acompanhado por uma águia receptiva, em plena incubação, como o ovo d'A Papisa. Ele absorve sua potência ou se apoia sobre ela? A interpretação variará conforme a leitura (JODOROWSKY, 2016, p. 164).

A ligação do Imperador com a Imperatriz, que estão nas figuras uma virada para outra, não se dá somente através da águia, mas também pelo fato que o Imperador ainda retém uma conexão com o mundo matriarcal da Imperatriz por apresentar a vista voltada para ela (NICHOLS, 1997).

2.2.1.5.1 O Imperador como construtor

O arquétipo do Imperador está ligado não só à autoridade, mas também à construção, à solidez e à força terrena.

Figura 13 - O Imperador como construtor



Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2021

Por este motivo a carta carrega tons de azul e laranja representando a segurança e a força assim como a energia. O simbolismo do planeta Marte também está representado na carta, que carrega atributos característicos do gênero masculino, tal como a força física, por ser a representação do Deus da Guerra.

Nesta carta, assim como na carta da Imperatriz, há elementos ligados à terra e ao corpo físico, e não tanto ao espiritual. Assim como no Tarot de Marselha, ele está virado para o lado da Imperatriz. Não há um trono ou uma posição em que esteja apoiado, isso porque ele representa a solidez.

2.2.1.6 O Papa

A quinta carta dos Arcanos Maiores é representada pelo Sumo Sacerdote ou, como colocado em alguns decks, O Papa ou O Hierofante. Como sequência do Tarot, Nichols (1997, p. 25) afirma que essa carta “representa uma figura de autoridade arquetípica, cujo poder ultrapassa o do pai e imperador”. Desta maneira, como coloca Jodorowsky (2016, p. 170), ele é como “um mestre, um iniciador, um guia que nos indica um objetivo na vida”.

Figura 14- Carta do Papa – Tarot de Marselha-Camoin (1998)



Fonte: CLUBE DO TARÔ (1998)

Para Nichols (1997, p. 25), “em termos junguianos, representa o Velho Sábio arquetípico”. Ainda para o autor, a figura está sentada no trono como a figura central, emoldurada pelos dois homens ajoelhados à sua frente e pelos dois pilares erguidos atrás, reitera o seu número, cinco. Ele é uma figura poderosa, não só simbolicamente, mas também no mundo da realidade. Como o Mago, liga o mundo interno ao externo, porém de maneira mais consciente e mais franca.

Jodorowsky (2016) observa que nas demais cartas antes desta, os personagens estavam sozinhos ou acompanhados de animais, símbolos de suas forças instintivas ou espirituais. Para o autor, a cruz de três níveis é uma indicação de que ele dominou o mundo da matéria, do sexo, das emoções e do intelecto, para convertê-los em uma unidade. E o broche verde, que prende sua capa na altura da garganta, representa um ponto dentro de um círculo, símbolo do ser individual que encerra em seu centro vivo um ser essencial.

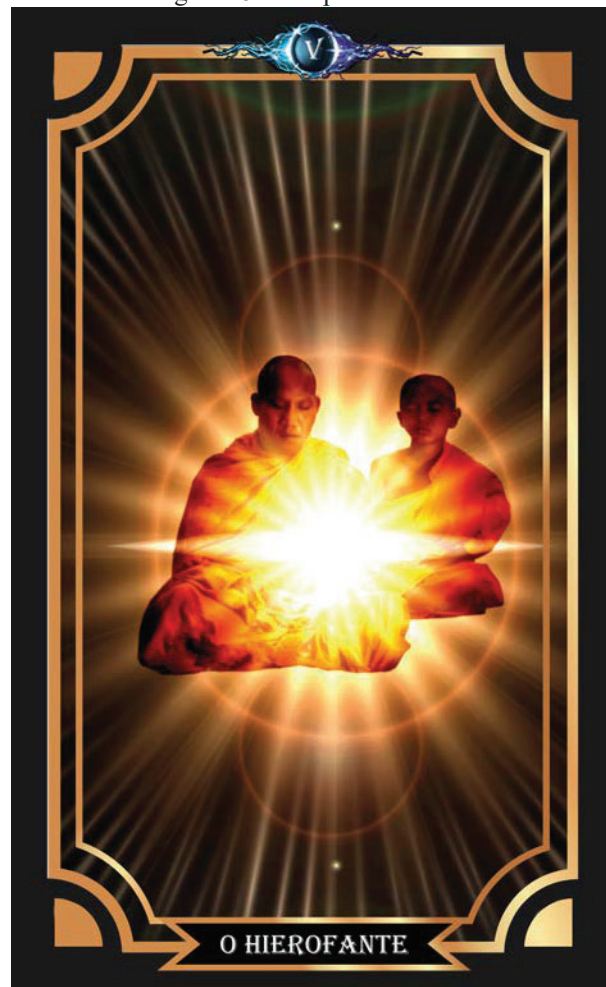
Como sempre acontece com esses poderes arquetípicos que nos movem no interior, precisamos primeiro experimentá-los como existentes em nosso meio externo. De tempos a tempos, todos temos projetado em outros as qualidades do Mago, da Papisa, da Imperatriz e do Imperador. Experimentando essas qualidades como se pertencessem (não raro erradamente) a pessoas de nossas relações, chegamos por fim a compreender que nós também temos potenciais e características de natureza semelhantes. À medida que nos tornamos cada vez mais conscientes de nossos poderes internos para o bem e para o mal, as projeções exageradas com as quais vestimos nossos amigos e inimigos aos poucos desaparecem. À medida que amadurecemos, os pregadores, professores, psicólogos e políticos de nossas relações já não são portadores, para nós, das características que, na realidade, nos pertencem. No fim, eles (e nós) assumem proporções mais humanas (NILCHOLS 1997, p. 127).

Sendo assim, essa carta é carregada não apenas como poder do arquétipo, como as cartas anteriores, pois a figura do Papa traz consigo a consciência.

2.2.1.6.1 O Papa como ser culto

A carta do Papa foi renomeada para Hierofante, como em outros decks, pois o simbolismo da palavra Papa refere-se mais ao sacerdócio da igreja católica, e na carta aqui representada foi empregada a figura de um monge.

Figura 15- O Papa como culto



Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2021

Foram utilizadas três esferas de luz simbolizando o domínio dos três níveis do mundo da matéria, o sexo, as emoções e o intelecto, para convertê-los em uma unidade assim como na carta original, na qual essa união está simbolizada pela cruz. Neste ponto, percebe-se que a luz é emitida na direção das mãos.

Assim como na carta original, ele não está sozinho, há um discípulo, entretanto aqui ele não está a sua frente, mas atrás da figura central, demonstrando a hierarquia no saber.

2.2.1.7 O Enamorado

Em alguns *decks*, a carta do Enamorado vem com a nomenclatura no plural, mas o personagem em questão é o central. Por vezes, assim como na nomenclatura ela é interpretada de formas diferentes.

“Pela primeira vez na série do Tarot, a figura central não é pintada como um personagem mágico ou divino. Parece um ser humano comum, que enfrenta o mundo e seus

dilemas com os pés solidamente plantados na realidade de todos os dias.” (NILCHOLS, 1997, p. 137).

Figura 16- Carta do Enamorado – Tarot de Marselha-Camoin (1998)



Fonte: CLUBE DO TARÔ (1998)

Mas, para Jodorowsky (2016), a tonalidade maior desta carta está associada ao prazer, à vida emocional, por este motivo é tão complexa e repleta de significados contraditórios. Para ele, nesta carta é possível compreender a humanidade inteira.

Ainda para o autor, a posição das mãos varia de personagem para personagem, sendo que o primeiro personagem, à esquerda da carta, coloca a mão esquerda no ombro do segundo, em um gesto de proteção ou de dominação, para empurrá-lo ou detê-lo. A outra mão desse personagem aponta para a parte baixa do personagem central, permitindo interpretar como um desejo de deslizar até o sexo ou, ao contrário, como a proibição de fazê-lo. O rapaz tem a mão direita apoiada na cinta. Uma grande questão é encontrada pelo autor: a mão que aponta para o ventre da mulher à direita. Para ele, de alguma maneira, eles possuem um "braço em comum" (grifo do autor).

Se é o rapaz quem toca o ventre da jovem na altura do sexo, a direção de seu olhar, no entanto, se dirige para sua direita. A carta terá um significado bem diferente se considerarmos que é o braço dela que protege ou indica o próprio ventre, enquanto o rapaz está com a mão esquerda nas costas (JODOROWSKY, 2016, p. 176).

A mulher da direita usa uma touca formada por quatro flores de cinco pétalas. Ela poderia representar uma bela consciência poética, embora sólida. O centro roxo das flores concentra a sabedoria do amor, inclusive a capacidade de se sacrificar. A mulher da esquerda usa uma coroa de folhas verdes, ativa (a faixa vermelha) e, considerando que se tratam de folhas de louro, pode-se dizer que ela tem uma mentalidade triunfante ou dominadora.

As figuras masculinas simbolizam, para a psicologia, a consciência, consecuições intelectuais e espírito; já as figuras femininas aspectos do corpo, emoções e alma. A figura central está emocionalmente envolvida com as mulheres, de corpo e alma. Talvez uma delas lhe fale mais à paixão sexual, ao passo que a outra lhe domina os sentimentos secretos e os esforços espirituais (NICHOLS, 1997).

Para Jodorowsky (2016, p. 177), “em um plano simbólico, poderíamos dizer que os três personagens representam as três instâncias do ser humano: o intelecto, o centro emocional e o centro sexual, que se unem para formar um só.”

As interpretações entre os personagens da carta são inesgotáveis. “Todas nos levam a dizer que O Namorado é uma carta relacional que representa o início da vida social” (JODOROWSKY, 2016, p. 177).

Essa carta é repleta de conotações na visão do autor Jodorowsky (2016). A terra é arada, isso significa que é preciso ter feito um trabalho prévio, psicológico, cultural e espiritual, chegando desta maneira a descobrir aquilo que amamos, aquilo que queremos. O sol, que lança seus raios sobre a cena, representa o grande Namorado cósmico, a divindade como fonte do amor universal que conduz ao amor consciente e incondicional. E, por fim, o cupido, que serve de mensageiro, sendo representado sob os traços de um menino, simbolizando que esse amor se renova constantemente.

2.2.1.7.1 O Enamorado como decisor

Nesta carta não foram utilizadas três figuras, como na carta original, porém a carta possui a subjetividade da figura do braço que segura o personagem. Neste não se vê um rosto, se vê apenas que ele tem uma ligação afetiva, por estar com a palma virada para cima. Não existe movimento que tenha menção de poder totalitário sobre o personagem central.

Figura 17- O Enamorado como decisor



Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2021

Percebe-se que, mesmo sua mão segurando um personagem oculto, seu dorso está totalmente voltado para frente, para um novo caminho que se mostra livre. Mas há aqui também a indecisão, pois seus dedos estão apoiados no pulso. Como em um ato de não querer deixar totalmente.

A luz no horizonte está representando o amor divino antes representado pelo sol e o cupido. A árvore em meio a esse caminho, como Jung (2002, p. 116) já mencionava [...] “é descrita como o caminho e o crescimento para o imutável e eterno, gerada pela união dos opostos e possibilitando a mesma através do seu eterno já-existir.”

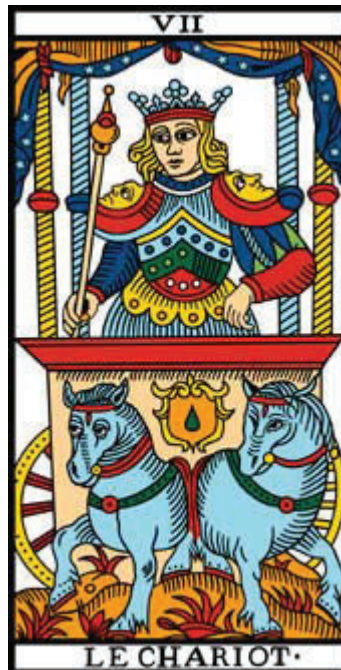
Sendo assim, qualquer relação, para que tenha estabilidade, deverá ser como uma árvore com raízes fortes a ponto de crescer com estabilidade.

O caminho na carta não é verde ou de representatividade de já estar belo, assim como o chão na carta original. Percebe-se também que este caminho pode ser seguido pelos dois, o personagem que aparece na carta e o personagem oculto, mas tudo isso é baseado nas decisões tomadas.

2.2.1.8 O Carro

Para Nichols (1997), a sétima carta, o Carro, mostra o herói embarcado na busca da autocompreensão. Nesta carta os quatro elementos básicos foram pintados como quatro postes ou conceitos fixos que sustentam um dossel para proteger o auriga dos elementos. O novo soberano está em movimento e reduzido à escala humana, o que significa que se tornou mais ativo e mais acessível do que o imperador; e, o que é mais importante, não está só. Vê-se funcionando como parte de uma totalidade com a qual o herói principia a sentir-se ligado.

Figura 18- Carta do Carro – Tarot de Marselha-Camoin (1998)



Fonte: CLUBE DO TARÔ (1998)

A palavra "carro" traz à mente muitas associações. Ele é um veículo de poder e conquista em que o herói pode viajar pela vida a fim de explorar suas potencialidades e pôr à prova suas limitações. Enquanto o trono na carta do Papa é fixo, o carro do rei lhe permite maior latitude e flexibilidade (NICHOLS, 1997).

Para Jodorowsky (2016), a carta do Carro é composta por três planos principais: dois cavalos, um veículo e seu condutor, este podendo ser um príncipe pelo fato de usar uma coroa, a qual está ligada a toda forma de ação no mundo: humanitária, artística, conquistadora, estando fundamentada em uma união entre o espírito e a matéria. Nela “teremos uma ação no mundo fundada na alegria, no prazer de fazer” (JODOROWSKY,

2016, p.80). Sendo assim ela representa a ação por excelência em todos os planos, sobre si mesmo e no mundo.

O veículo, um quadrado cor de carne, está fincado na terra; poderíamos dizer que não avança. Na realidade, ele segue o movimento do planeta, o movimento por excelência. Tornando-se um com a Terra, O Carro não precisa avançar: é um espelho da rotação planetária. Sua carruagem poderia ser a Ursa Maior, o Carro Solar de Apolo, ou o cavaleiro em busca do Graal (JODOROWSKY, 2016, p. 182).

Tanto para Nichols (1997) quanto para Jodorowsky (2016), os cavalos possuem elementos de feminino e masculino. As duas energias complementares realizam uma unidade. Ambos autores também identificam que os cavalos não estão com rédeas. Sendo que, para Jodorowsky (2016, p. 182), “pode significar que domina a vida material, e que ele tira seu poder de sua encarnação. Em todo caso, sua ação se opera sem esforço.” Enquanto na visão de Nichols (1997 p. 150) “Para dirigir um veículo desses com êxito e sem rédeas, o condutor precisa ter poderes supra pessoais.”

Também se pode ver que, sobre ombros do personagem, existem duas máscaras as quais, para Jodorowsky (2016), representam o passado e o futuro ou o positivo e o negativo ou o tempo e o espaço.

Nichols propõem uma leitura da figura do carro relacionando-a com a psique:

O carro parece simbolizar com propriedade o poder transportante da psique. A psique não é um objeto, uma coisa; é um processo. Sua essência é o movimento. Assim como a paisagem externa passa por nós quando viajamos, assim diante do olho interior as imagens se sucedem numa constante fita de cinema. São as imagens que sintonizamos quando fechamos os olhos para as coisas externas e subimos no carro para uma viagem interior. Semivislumbradas, às vezes totalmente não reconhecidas, tais imagens afeiçoam nossa vida e nossos atos. Contêm a semente vital da vida (NICHOLS, 1997, p. 150).

Em suma, pode-se dizer que a figura central da carta conseguiu dominar seus instintos, de modo que ele poderá fazer uma viagem ao seu interior sem os percalços, pois alcançou o equilíbrio.

2.2.1.8.1 O Carro como triunfo

Nesta carta o carro é puxado por dois lobos, - na carta original o símbolo é o cavalo. Embora os lobos representem o selvagem, aqui representam também os opostos, como se vê

pelas cores. Como na carta original, os animais não possuem guias ou rédeas. Seu semblante é de quem já está domado, não demonstra seu lado selvagem.

Figura 19 - O Carro como triunfo



Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2021

Em algumas culturas o lobo é visto como uma ponte entre o mundo físico e o mundo espiritual. Pode-se perceber que a figura que conduz o carro está tranquila, como se tivesse dominado os instintos, em um ato de triunfo do ser humano sobre seus instintos.

Ao fundo, na mesma direção de cada lobo, Vênus e Marte representando o feminino e o masculino. O carro aqui é pouco visto, apenas as rodas, que simbolizam a continuidade, podem ser vistas.

2.2.1.9 A Justiça

Para Riemma¹³, a iconografia da Justiça como uma mulher com balança e espada (ou livro) é datada provavelmente de um período remoto da arte romana. A espada e a balança passaram a ser atributos do Arcanjo Miguel, habitualmente denominado por Micael ou São Miguel, estes símbolos teriam sido herdados da figura mítica de Osíris subterrâneo, o pesador de almas. Com o passar do tempo, estes elementos passaram para as mãos da figura feminina, da qual há figurações relativamente antigas na arte medieval.

Figura 20 – Carta da Justiça – Tarot de Marselha-Camoin (1998)



Fonte: CLUBE DO TARÔ (1998)

Para Jodorowsky (2016), este é o símbolo da realização, pois com sua balança, equilibra a vida. Nesta linha de pensamento, a Justiça é lidar com as experiências da vida e medir causas e consequências através da imparcialidade (NICHOLS, 1997).

Nota-se que, embora a carta da Justiça, remeta à questão de igualdade, em alguns pontos percebe-se que ela é

[...] estruturada de maneira assimétrica: o pilar da direita é mais alto que o outro, e termina em uma pequena esfera de amarelo-escuro ausente do lado esquerdo; seu colar sobe mais à direita, os pratos da balança não estão no mesmo plano horizontal, sua espada não é paralela à coluna do trono [...] (JODOROWSKY, 2016, p. 188).

¹³ Fonte: Compilação texto VIII. A Justiça: O arcano do Equilíbrio, da Imparcialidade de Constantino K. Riemma. Disponível em : http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_08_justica.asp acessado em 31 de outubro de 2021.

Ainda se pode afirmar que a desigualdade dos pratos manifesta a instabilidade própria da natureza (JODOROWSKY, 2016). O simbolismo da Justiça acentua sistematicamente uma união harmoniosa de forças opostas. Sentada num trono, a grande figura feminina simboliza o poder feminino sobre-humano.

“A Justiça, com seus atributos ativo (espada) e receptivo (balança), é também a primeira figura que olha de frente [...]” (JODOROWSKY, 2016, p. 188).

Deste modo, Nichols (1997) coloca que a diferença entre a espada e a balança, dá a entender a relatividade de toda a experiência humana e a necessidade de pesar cada evento individual como um fenômeno único.

É possível analisar que ela não segura a espada numa posição de defesa nem de ataque, mas reta, como se a segurar um cetro ou qualquer outro símbolo de domínio. Deste modo, fica sinalizado que é preciso assumir a plena responsabilidade de todo e qualquer conhecimento do bem ou do mal que se tenha adquirido. Também simboliza o sacrifício das ilusões e pretensões de muitos tipos. Vê-se ainda que ela não parece afetada pela ira ou pela vingança. Ela é uma mediadora (NICHOLS, 1997).

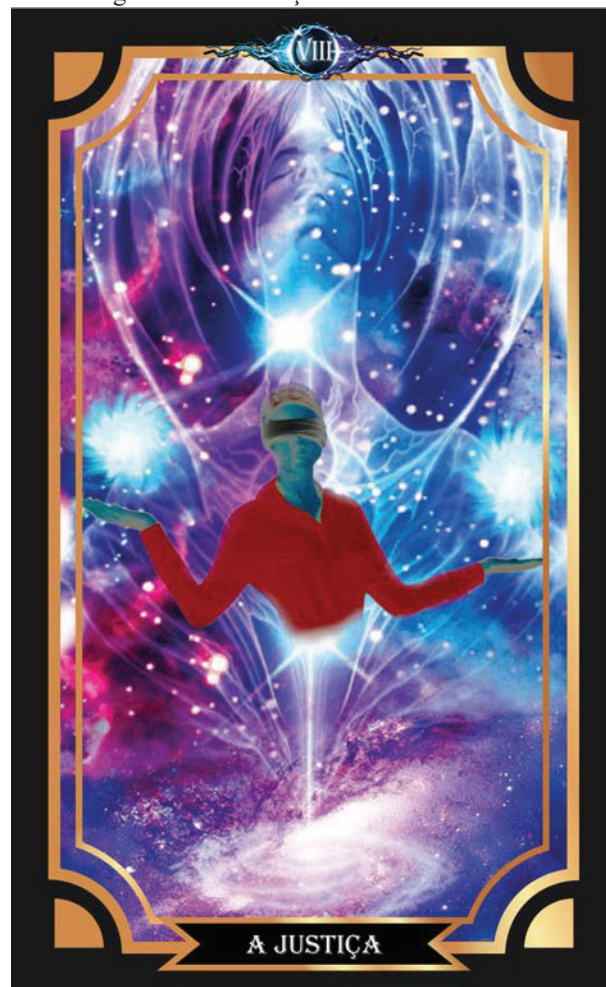
Com relação a outros detalhes que podem passar despercebidos, deve-se observar que “[...]à direita, embaixo de seu cotovelo, vê-se uma mancha roxa, a mais volumosa de todo o Tarot. Essa cor tão rara, tão secreta, é um símbolo da sabedoria. A Justiça é movida pela sabedoria” (JODOROWSKY, 2016, p. 189).

O julgar é uma questão de sentimento. Isso talvez ligue o fato de que, no Tarot e em nossa tradição, apareça uma mulher, pois as questões de consciência pertencem à província tradicional da mulher, que é o sentimento (NICHOLS, 1997).

2.2.1.9.1 A Justiça como a Consciência

A Justiça nesta carta é representada como o poder da consciência, que é capaz de medir as causas e consequências com imparcialidade. Ela é representada pela cor vermelha em sua vestimenta, assim como em algumas culturas em que esta cor predomina, as representações físicas da justiça, assim como a predominância do azul simboliza a harmonia de seus propósitos. Além disso, a Justiça aqui possui a venda nos olhos, denotando sua imparcialidade.

Figura 21 - A Justiça como a Consciência



Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2021

Ela estende suas mãos para o alto com uma luz em cada palma da mão, mostrando a necessidade de equilíbrio de pensamento. Vê-se também que sua consciência se expande não sendo só parte do físico, mas de um modo geral do universo.

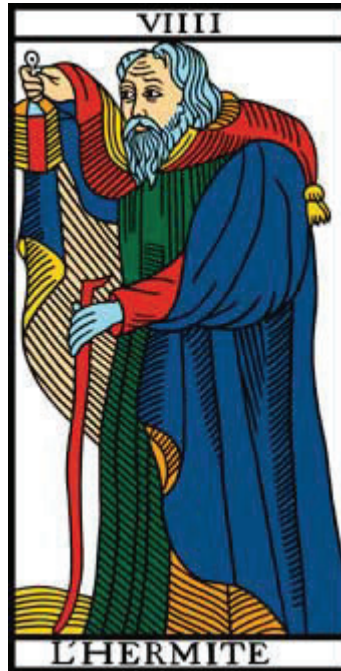
2.2.1.10 O Eremita

O Eremita é a nona carta dos Arcanos Maiores, é representado por uma figura masculina em pé, sua mão esquerda apoia-se em um bastão, a direita levanta uma lanterna na altura do rosto.

Alguns estudiosos acreditam que boa parte do simbolismo do Eremita liga-se aos princípios fundamentais do filósofo Diógenes¹⁴: Desprezo pelas convenções e vaidades, isolamento, renúncia à transmissão pública do conhecimento. (Riemma)¹⁵

¹⁴ O filósofo helenístico Diógenes de Sínope viveu do ano 413 323 a.C., foi aluno de Antístenes (discípulo de Sócrates), de uma linha de pensamento Naturalista, foi destaque e símbolo do cinismo, pois tornou sua filosofia

Figura 22 – Carta do Eremita – Tarot de Marselha-Camoin (1998)



Fonte: CLUBE DO TARÔ (1998)

Na terminologia junguiana, o Eremita representa o Velho Sábio arquetípico. Com ele, a lâmpada parece um símbolo adequado para a introvisão individual do místico. Nesta lâmpada percebe-se que uma das venezianas é vermelha, cor de sangue, de modo que a luz coada por ela tem toques da cor da humanidade de carne e osso. Ou seja, colorida com a paixão e a compaixão destiladas das experiências de toda a vida (NICHOLS, 1997).

O Eremita representa a passagem para o desconhecido. Nesse sentido, ele representa tanto a mais alta sabedoria, como um estado de crise profunda sendo que a lâmpada que ele leva pode ser considerada um símbolo do conhecimento. Além disto:

uma forma de viver radical. Fonte <https://societific.com.br/conheca-diogenes-de-sinope-o-cinico-que-calou-platao/>. Acessado em 31 de outubro de 2021.

¹⁵ Fonte: Compilação texto IX . O Eremita O Arcano da Busca do Conhecimento e do Iniciado de Constantino K. Riemma. Disponível em http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_09_ermitao.asp . Acessado em 31 de outubro de 2021.

[...] em sua testa, por outro lado, três rugas renovam a mensagem de atividade mental. seu olhar se perde na distância. seus cabelos e sua barba azuis o assemelham a'o imperador, que teria aqui perdido ou abandonado seu trono, isto é, seu apego à matéria. sua luva azul, semelhante à d'o papa, confere às suas escolhas, às suas ações e ao seu andar uma profunda espiritualidade. seu bastão vermelho e seu capuz, onde se encontram de maneira invertida o vermelho e o amarelo do capuz d'o louco, também o assemelham a esse arcano sem número. mas aqui o bastão d'o louco é percorrido por uma onda, ganhou vida, o caminho já foi percorrido e o trabalho já realizado, como testemunha a terra já lavrada. seu manto azul-escuro é signo de sua humildade, de sua consciência lunar e receptiva. a parte interna do manto, cor de carne, evoca toda experiência vivida, não mais teórica, mas orgânica, de um ser que aprendeu lições com o próprio caminho. Mas, por baixo do manto, ao centro, está a cor verde que o envolve. (JODOROWSKY, 2016, p. 189).

Sendo assim esse arcano mostra alguns símbolos que estavam em cartas anteriores, mostrando que ele ao longo da jornada aderiu o conhecimento, mas ainda está em busca de mais conhecimento. Este arquétipo representa também o isolamento, a meditação, a paciência e ensina a sabedoria do silêncio através da reflexão antes de seguir na jornada.

2.2.1.10.1 O Eremita como conhecimento

O Eremita, aqui caracterizado como na maioria dos decks de cartas de Tarot, por um idoso de barba e cabelos brancos, em um caminho solitário.

Figura 23 – O Eremita como conhecimento



Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2021

Ele leva consigo apenas uma coruja, símbolo da sabedoria que adquiriu ao longo do tempo nessa caminhada. Ao fundo o caminho já traçado por ele, entretanto seu semblante não está cansando.

O capuz representa o afastamento do mundo exterior, dando ênfase às questões internas, há também o caduceu de Hermes Trimegistro¹⁶ que por vezes é ligado a esse arquétipo do Eremita.

2.2.1.11 A Roda da Fortuna

A imagem que reproduz o arcano da Roda da Fortuna causa uma impressão estranha. Segundo Riemma¹⁷, isso se dá pelo fato de que, nos últimos séculos, a iconografia do tema

¹⁶ Este nome pretendia assimilar Hermes / Mercúrio o deus greco-romano da comunicação e mensageiro dos deuses, a Thot, o deus egípcio das letras, dos números e da geometria, um deus de sabedoria e erudição.

tornou-se simplesmente verbal: qualquer um entende o conceito de “roda do destino”, mas dificilmente se faz dela uma representação visual.

Figura 24– Carta da Roda da Fortuna – Tarot de Marselha-Camoin (1998)



Fonte: CLUBE DO TARÔ (1998)

Para Jodorowsky (2016), a Roda da Fortuna é certamente norteada para um fechamento do passado e uma espera do futuro. E nela o único elemento que pode ansiar à eternidade é o centro da roda, onde o ponto de encaixe da manivela se situa no centro exato do retângulo constituído pela carta.

Nela há dois animais dando voltas, impotentes, na Roda sempre girante da Fortuna. Os animais vestem roupas humanas. Nichols (1997, p. 191) questiona se “estará tentando o Tarot dizer-nos que nós, como esses animais, estamos presos no interminável girar predestinado da Roda da Fortuna?”

Ainda ao se observar os três animais, percebe-se que um tende a descer, outro a subir e o terceiro a permanecer imóvel. O animal que está em descida tem cor de carne, vestido apenas na metade de baixo do corpo, desce rumo à encarnação. Já o animal amarelo está vestido apenas na metade de cima e possui uma cinta em volta de suas orelhas, parece tapá-las ou deixá-las mais evidentes (JODOROWSKY, 2016).

Nichols (1997, p. 191), descreve o terceiro animal no topo da roda da seguinte forma:

¹⁷ Fonte: Compilação texto X. A Roda da Fortuna (ou Roda do Destino) O Arcano dos Ciclos de Ascensão e Queda de Constantino K. Riemma. Disponível em http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_10_roda_fortuna.asp . Acessado em 31 de outubro de 2021.

[...] animal está nu e, contudo, ostenta uma barra de ouro, a sugerir que embora sua energia seja primitiva, seu aspecto tem cara de macaco e corpo e cauda de leão. As asas vermelhas, de morcego, marcam-no como um ladrão noturno ligado ao diabo, que encontraremos na carta número quinze. Ver uma espada nas mãos de um monstro desses é alarmante. Somente a sua coroa de ouro oferece alguma esperança de que o estranho animal possa ter um aspecto redentor. Trata-se, na verdade, de uma esfinge.

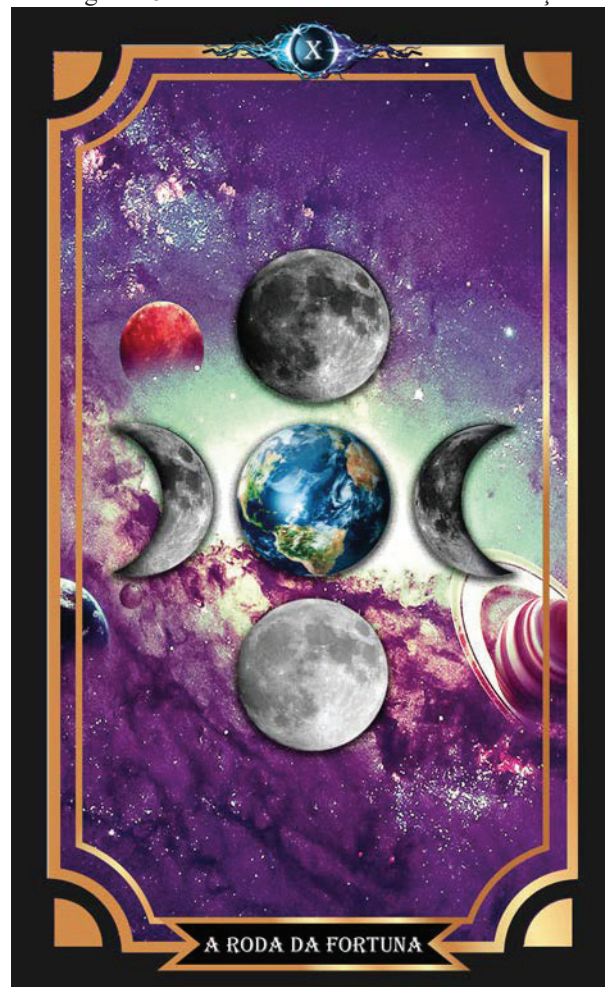
Para Jodorowsky (2016, p. 200), este “[...] animal azul, com ar de esfinge e capa vermelha em forma de coração, tendo contra o peito uma espada com a medida exata da varinha d'O Mago, figura a vida emocional que se apresenta ao mesmo tempo como um enigma e como o caminho rumo à sabedoria.”

A forma cíclica para ambos os autores denota os períodos da vida, assim como outros fenômenos que ocorrem em determinada ordem na natureza.

2.2.1.11.1 A Roda da Fortuna como mudança

A Roda da Fortuna é simbologia dos ciclos e das mudanças. Como descrito no capítulo anterior, é a forma cíclica de muitos eventos, não só da vida. O símbolo que remete a muito disso são as fases da lua, sendo essas aqui representadas na carta.

Figura 25 – A Roda da Fortuna como mudança



Fonte: da autora, 2021

Como a lua possui várias fases e adquire formas variadas, torna-se também um símbolo da inconstância e da mutabilidade. No Dicionário de Símbolos¹⁸, é colocado que ela simboliza os ritmos biológicos e as fases da vida, pois passa regularmente por um ciclo de vida, uma vez que cresce, diminui, desaparece e cresce novamente, sendo submetida à lei universal do devir, do nascimento e da morte, constituindo a representação da passagem da vida para a morte, e vice-versa.

¹⁸ Fonte: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/lua/> acessado em 26 de novembro de 2021

2.2.1.12 A Força

A carta da Força é representada por uma mulher que doma um leão que, do ponto de vista iconográfico, segundo Riemma¹⁹ a expressão corporal da mulher em pé, em atitude de ação repousada e, fundamentalmente, pelo chapéu que segue no seu desenho o signo do infinito, encerra a primeira metade do Tarot.

Figura 26 - Carta da Força – Tarot de Marselha-Camoin (1998)



Fonte: CLUBE DO TARÔ (1998)

A imagem evidencia como ponto em comum a presença do leão, animal que aqui simboliza o instinto egocêntrico, bem como a força indestrutível dos impulsos infantilizados. Sendo que para Jodorowsky (2016), diversos detalhes da carta ligam-na ao arcano do Mago, dentre eles:

[...] seu chapéu em forma de oito, ou de infinito, é receptivo como o d'O Mago, mas se abre para o alto e parece alado, com motivos que lembram a plumagem das águias presentes nos Arcanos III, VIII e XXI: a inteligência d'A Força está disposta a voar em direção ao cosmos. (JODOROWSKY, 2016, p. 206).

A forma do seu chapéu, assim como o Mago, deve possuir poderes mágicos e, como ele, representar uma figura interior ativa no inconsciente do herói, porém a figura é mais

¹⁹ Fonte: Compilação texto XI. A Força O Arcano da Virtude e do predomínio da Qualidade de Constantino K. Riemma. Disponível em http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_11_forca.asp. Acessado em 31 de outubro de 2021.

prontamente acessível à consciência do que seria um deus ou uma deusa. Seu poder reside nas mãos que agarram as mandíbulas do leão, representando uma magia mais humana, pessoal e direta do que a do seu equivalente masculino, o Mago (NICHOLS, 1997). Ela ajuda o herói a enfrentar sua natureza animal.

A Força é a própria potência da Consciência, ela une a energia espiritual e a energia instintiva. Ela trabalha de mãos nuas, dedicadamente, com a animalidade, com as “manifestações do inconsciente e com sua própria sexualidade: a cabeça do animal se situa na altura de sua pelve.” (JODOROWSKY, 2016, p. 206).

Jodorowsky analisa também que:

Os oito pontos desenhados no focinho indicam que a energia animal não pode ser modificada [...] as cerquilhas no peito são formadas por quatro linhas "materiais", subindo da esquerda, representando a natureza animal, e cinco traços "espirituais", descendo da direita, representando o trabalho da Consciência. (JODOROWSKY, 2016, p. 206).

A figura feminina pode ser considerada como a anima, personagem arquetípico simbolizando o lado feminino do inconsciente do herói. O Mago inicia o Tarot, agora na carta número dez, representa-se um novo início e uma nova mágica, na qual a figura feminina, considerada uma maga pelos seus poderes, representa o papel iniciatório, atuando como mediadora entre o ego do herói e as forças mais primitivas da psique. (NICHOLS, 1997).

Se interpretarmos o movimento das mãos e da boca do animal como um conflito, uma luta de poder, podemos ler aí todo tipo de dificuldades: o vermelho do polegar e da língua se torna o sangue de um combate, a energia sexual é reprimida, e por sua vez a animalidade mutila o psiquismo (vemos, então, que o pescoço da mulher tem um traço, como de uma decapitação) (JODOROWSKY, 2016, p. 206).

Em suma, a carta da Força representa não só consciência como na carta da Justiça, mas também o controle dos impulsos e reações instintivas.

2.2.1.12.1 A Força como dominadora

A carta da Força foi representada em tons quentes representando energia e vitalidade. Como dito no item anterior, esta carta tem o elemento da consciência como a carta da Justiça e, em alguns *decks*, as cartas são trocas de posição por conterem alguns elementos próximos.

Figura 27 - A Força como dominadora



Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2021

Nesta versão o leão é a expressão de nossa força interior, por isso está localizado no centro do peito da figura que possui traços femininos. As duas energias aqui estão em harmonia, pois o leão está controlado e interpondo com as qualidades mais gentis e femininas da natureza humana.

2.2.1.13 O Enforcado

Para alguns cartomantes, a leitura da carta do Pendurado, ou Enforcado, traz um período de suspensão. A iconografia dela remete a um castigo executado pelos carrascos romanos e relatado também nos testemunhos de vítimas medievais. (RIEMMA)²⁰.

²⁰ Fonte: Compilação XII. O Pendurado (O Enforcado) O Arcano da Fé, da aspiração Espiritual de Constantino K. Riemma. Disponível em http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_12_pendurado.asp. Acessado em 31 de outubro de 2021.

Figura 28- Carta do Enforcado – Tarot de Marselha-Camoin (1998)



Fonte: CLUBE DO TARÔ (1998)

Assim como a Força se compara à carta do Mago, o mesmo ocorre com a carta do Enforcado, como colocado por Jodorowsky (2016, p. 211) “ Se A Papisa incuba, O Enforcado é incubado: ele entra em gestação para fazer nascer o novo ser.”

Como os animais mantidos prisioneiros na Roda da Fortuna, o Enforcado é uma vítima do Destino, à mercê dos deuses, tão indefeso quanto os animais, mas com esta diferença: ele tem uma oportunidade de aceitar o destino conscientemente e deslindar-lhe o significado, ao passo que os animais só poderão, na melhor das hipóteses, suportar a própria situação. (NICHOLS, 1997, p. 221).

Esta suspensão se dá na carta entre céu e terra, ou seja, ele espera para nascer. Uma das pernas da figura do Enforcado está dobrada atrás da outra para melhor se imobilizar. Suas mãos, símbolos da capacidade de agir, estão cruzadas nas costas como se ele nada pudesse fazer. Em cada um dos dois lados há árvores com galhos cortados, sacrificados. Para esse nascimento material ou espiritual que se prepara, é necessário fazer uma parada (JODOROWSKY, 2016).

Para Nichols (1997), com as mãos amarradas atrás das costas, ele pode se achar indefeso, à mercê, nas mãos do Destino, não podendo mudar sua vida nem controlar sua sina. Neste momento só pode esperar que uma força exterior o libere da atração regressiva da Mãe Terra. Fechado de cada lado pelas duas árvores e em cima pela travessa da forca, pode ser visto como encaixado numa espécie de sarcófago.

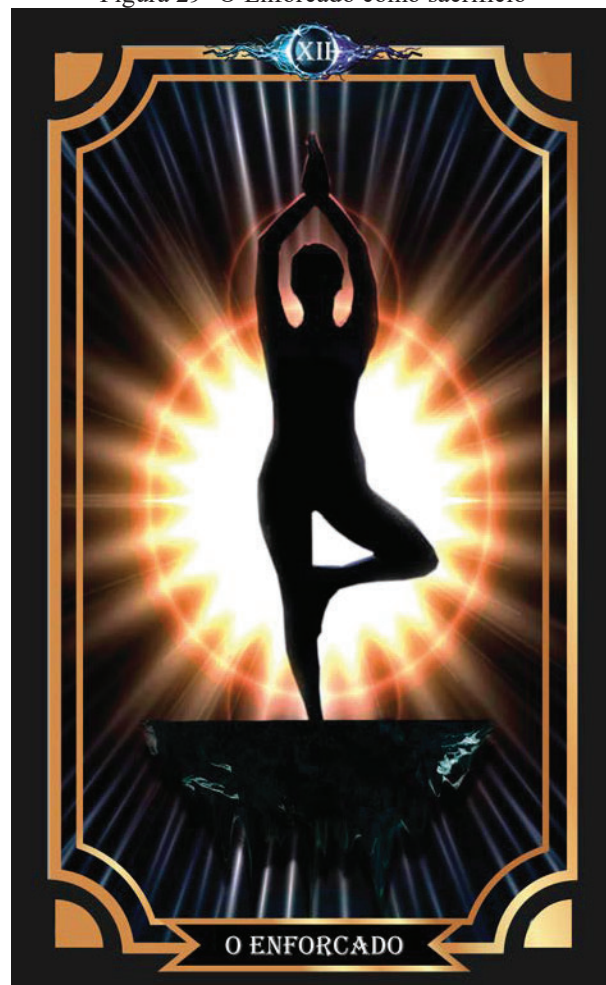
Em alguns velhos baralhos italianos, essa carta se chama O Traditore (O Traidor). Por vezes, o Traidor do Tarot é retratado com uma bolsa de dinheiro em cada mão, sugerindo Judas com suas trinta moedas de prata. Nos tempos medievais, os cavaleiros covardes ou desleais eram assim pendurados pelos calcanhares e açoitados, sofrendo um castigo humilhante. (NICHOLS, 1997, p. 218).

Ainda para Nichols (1997, p. 221), o Enforcado está fazendo um "sacrifício" para "tornar sagrado", visto que “Sacrificar nossas imagens centradas no ego é tomar a nossa vida total e santa; então já não haverá ruptura entre a imagem de como as coisas deveriam ser e as realidades da existência humana”.

2.2.1.13.1 O Enforcado como sacrifício

Nesta nova imagem, o Enforcado não está preso pelo pé, mas teve que se manter nesta postura para poder passar por esse momento.

Figura 29- O Enforcado como sacrifício



Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2021

Como em um sacrifício de se manter em apenas um dos pés para que consiga se manter em uma base, que não parece estar sólida, a luz dá a impressão de estar derretendo a base onde a figura principal está.

Assim como na carta original, a figura está nesta posição por que deixou-se chegar a esse ponto. Por outro lado, esse é o momento que ele usa uma posição de ioga como a maneira de adquirir uma nova visão, assim como enforcado consegue ver o mundo de outra forma.

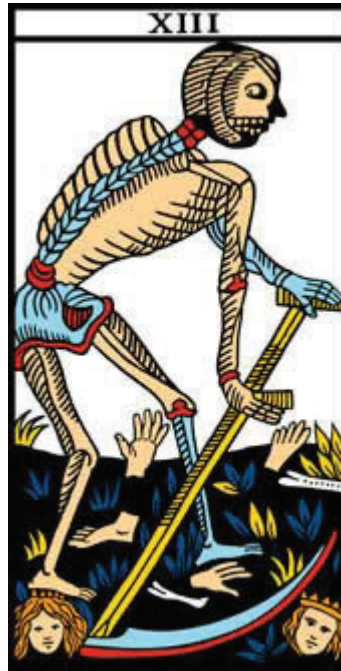
2.2.1.14 A Morte

A figura central é esse esqueleto ceifador que, na tradição popular, representa a morte. No Tarot de Marselha ela é intitulada muitas vezes como a carta sem nome.

Na carta anterior, o herói está pendurado de cabeça para baixo e indefeso sobre um abismo, a fim de sofrer a morte espiritual e o desmembramento final de sua vida e de sua personalidade anteriores. Esse desmembramento das ideias é simbolizado pelas cabeças, seus pontos de vista, como os pés, e suas atividades, como os desenhos de mãos, mas todas são antigas e estão de forma inútil espalhadas pelo chão. Aqui há a ideia de revitalização e renovação sugerida pela profusão de novos brotos em toda a parte e pelo modo com que as mãos e os pés parecem plantados na terra e já brotando para uma nova vida (NICHOLS, 1997).

Como colocado por Jodorowsky (2016, p. 218), “[...] nesse caso, pode-se dizer que o novo ser já aflora à superfície.”

Figura 30- Carta da Morte – Tarot de Marselha-Camoin (1998)



Fonte: CLUBE DO TARÔ (1998)

Para Jodorowsky (2016), o osso branco, no chão, evoca a ossatura seca que dá a origem do termo "esqueleto", sendo uma palavra que vem do grego que significa seco. A personagem segura uma lâmina de cor vermelha que denota o vital enquanto o azul-celeste espiritual de seu alfanje está trabalhando a natureza, sua própria natureza profunda. Ele segura o alfanje pelo cabo amarelo, cor da inteligência: o trabalho foi desejado, pensado, e agora se realiza. O terreno negro sobre o qual ele trabalha lembra o nigredo²¹ da alquimia ou o lodo de onde emerge a lótus na tradição budista.

“A Natureza pouco se preocupa com o indivíduo; seus esforços propendem tão somente para a preservação da espécie” (NICHOLS, 1997, p. 236).

Sendo que no [...] “corpo cor de carne, uma perna e um braço são pintados de azul-celeste. Trata-se de um ser ativo e comunicativo ao mesmo tempo encarnado e espiritual, humano e divino, mortal e imortal” (JODOROWSKY 2016, p. 220).

O esqueleto da carta número treze abarca muitos pares de opostos. De um lado, não é mais que um saco de ossos, uma coisa morta monstruosa, que nos atraíça a fê no calor e na vitalidade da vida, a grande niveladora que reduz a essência única do gênio e do louco a um denominador comum. De outro lado, pode ser visto como um diagrama universal, através do qual brilha o Ser Puro; uma revelação do funcionamento interior das coisas, como o mecanismo do relógio. (NICHOLS, 1997, p. 229).

²¹ Palavra em latim que significa escuro. Foi adotada pelos alquimistas para designar o primeiro estado da alquimia: a morte espiritual, significando decomposição ou putrefação.

A Morte retrata o momento em que a pessoa se vê em pedaços. A figura do esqueleto é impessoal e universal, o esqueleto é o segredo mais pessoal, mais escondido, o tesouro enterrado profundamente em nós mesmos, debaixo da nossa carne.

Para a autora, a Morte é tão fundamental para a vida que a melhor maneira de apresentá-la seria provavelmente de uma forma mais ou menos assexuada, diagramática, que inclui todas as possibilidades (NICHOLS, 1997).

2.2.1.14.1 A Morte como fim de um ciclo

Nesta carta retrata-se a morte, assim como o símbolo do esqueleto, como um ser sem identidade. Em seus trajes longos e pretos, não se pode conhecê-lo, nem ao menos saber qual sua real face.

Figura 31- A Morte como fim de um ciclo



Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2021

Alguns ossos estão no chão, abaixo de seus pés, como se tivessem saído dele em algum momento. A morte aqui não possui uma ceifa, mas um cajado que, como na carta original, embora o tenha em suas mãos, não demonstra ter usado para ceifar, e sim como um apoio.

Os tons escuros aqui representam a introspecção, porém nem tudo na carta são tons escuros, existem nuances da cor púrpura, que está ligada ao espiritual.

2.2.1.15 A Temperança

No Enforcado há um personagem pendurado de cabeça para baixo por um dos pés dando a impressão de não estar ferido, mas desamparado; na carta seguinte ele enfrenta a Morte, figura arquetípica diante de sua lâmina onde todos se veem desamparados. Na carta final da segunda fileira, A Temperança, surge uma figura que gosta de ajudar, como um anjo ocupado em deitar o líquido de um vaso em outro. Nesse ponto, as energias e esperanças do herói voltam a fluir, numa nova direção (NICHOLS, 1997).

Figura 32- Carta da Temperança – Tarot de Marselha-Camoin (1998)



Fonte: CLUBE DO TARÔ (1998)

Jodorowsky (2016) coloca que esta carta chega depois do trabalho árduo do arcano anterior, que eliminou o inútil e criou o vazio necessário ao restabelecimento da circulação interior. Podemos ver que o olhar e os cabelos da Temperança estão cheios da luz divina, e a

flor vermelha de cinco pétalas que se abre no alto de sua cabeça nos indica que leva consigo a quintessência.

A Temperança detém com igual interesse o azul e o vermelho ao mesmo tempo, suas asas mostram que ela é sobre-humana, capaz de alçar-se acima das mesquinhas questões mundanas. Habita um reino além do alcance mortal. Não há nenhuma outra figura humana retratada nesta carta, indicando que seja o que for que aconteça aqui, está ocorrendo no inconsciente do herói, sem a percepção nem a participação do ego (NICHOLS, 1997).

Para a autora, os Anjos vêm sendo, há tempos, vistos como mensageiros alados do céu, significando “[...] psicologicamente, que representam experiências internas de natureza mágica, ligando o homem ao mundo arquetípico do inconsciente”. Que, ainda, estes seres alados aparecem em nossa vida mundana em momentos cruciais, trazendo novas intuições e revelando novas dimensões da experiência (NICHOLS, 1997, p. 248).

Analizando outros símbolos contidos na carta, Jodorowsky (2016) aponta que na Temperança duas serpentes se entrecruzam, se acariciam: sendo assim, ela assumiu as energias telúricas e dominou sua libido. Pode-se encontrar a força animal sublimada na energia celestial e espiritual pelos seus cabelos amarelos. Além disso, os quatro pequenos triângulos amarelos em seu peito chamam os quatro centros do ser humano: o intelectual, o emocional, o sexual e o corporal.

Existe uma outra análise referente a esse ser alado em que uma crença antiga dizia que, cada pessoa, animal e planta viva tinha o seu anjo da guarda. Talvez esse anjo bom do herói. Este ser alado merece confiança, pois traz uma flor na testa, cuja forma circular, de cinco pétalas, sugere uma mandala, simbolizando a quinta-essência. Ela está na direção do terceiro olho, que é, tradicionalmente, a área da consciência suprema. “Esta consciência surgiu da confrontação com a morte, como alguém nascido duas vezes; a Temperança sente a própria percepção desabrochando para uma vida nova, aqui percebe-se a ligação com o enforcado, que encara a morte e renasce (NICHOLS, 1997, p. 248).”

Temperança faz comunicar as energias, os fluidos, uns com os outros. Poderíamos dizer que mescla água ao vinho. Por sua ação, já não existem mais energias opostas, nem contrários, mas apenas complementariedades: é o segredo do equilíbrio. Temperança indica o restabelecimento da saúde, o equilíbrio mental e emocional, o controle das paixões sem repressão, mas pela sublimação. Temperança traz uma mensagem de pacificação: "Encontre o centro, seu pêndulo vital deve se afastar dos extremos, passe pelo caminho do meio". (JODOROWSKY, 2016, p. 220).

Sendo assim a figura angelical da Temperança é um personagem crucial na sequência do Tarot, e inspira boa parte da ação que se segue.

2.2.1.15.1 A Temperança como alquimista

Como elementos da carta da Temperança buscou-se representar de alguma maneira a alquimia, pois, como descrito anteriormente por Jodorowsky (2016), ela comunica, mescla as energias, que neste momento não são opostas nem contrárias, mas complementares, afim de conseguir o equilíbrio, por este motivo ela pode ser considerada alquimista.

Sobre sua cabeça, uma luz que é emanada de forma a representar sua supraconsciência. A harmonia e compatibilidade sugerem que a união de energias é perfeita.

Figura 33- A Temperança como alquimista



Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2021

Podemos ver alguns detalhes que lembram aqui a carta da Justiça, porém, enquanto a justiça representa o equilíbrio dos pensamentos, a temperança significa o equilíbrio das emoções.

Deste modo, esta é a última carta do mapa da segunda etapa da Jornada do Louco descrita por Nichols (1997). Onde depois Reino dos Deuses (do Mago ao Carro) reúne alguns arquétipos celestiais tem influência sobre Louco, começamos com Reino da Realidade Terrena e da Consciência do Ego e Equilíbrio que vai da da Justiça até Temperança. Onde se desenvolve, tomando consciência do ego e estabelecendo sua identidade e um lugar na ordem social. Também compreende que muitas coisas são reguladas por regras, princípios e leis. (NICHOLS, 1997)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa foi possível obter uma experiência mais completa em relação a um maior conhecimento dos Arcanos Maiores, bem como em relação à descoberta de alguns símbolos que estão presentes nas cartas do Tarot de Marselha.

Identificou-se que os símbolos destes arcanos estão no inconsciente coletivo e que, muitos deles, podem ser alterados, visto que a mente humana é um repertório de imagens. As diversas temporalidades apresentadas nas cartas fazem perceber que, mesmo parecendo isoladas, estas possuem um enredo capaz de nos colocar como parte dele. Deste modo, cada uma delas representa um arquétipo, como já estudado por Jung, e estes puderam ser representados no conjunto de imagens dessa nova plasticidade.

O estudo de como o Tarot chegou até os dias atuais mostrou o quão além ele vai. Muito mais do que uma ferramenta de “saber o futuro,” como muitos acreditam, trata-se de uma ferramenta para acessar o inconsciente coletivo.

Foi possível perceber que, assim como uma obra de arte, as cartas têm o mesmo sentindo para a leitura de imagem, e que essa leitura nos permite um contato com interiores mais distantes de nossas subjetividades.

Para o processo criativo, foi utilizado um método reverso ao utilizado pelos iniciantes do Tarot. Neste método, olhamos para a carta, ou seja, para a sua imagem e tentamos nos lembrar de fatos, acontecimentos ou situações com arquétipos de pessoas, que lembram aquela carta, fazendo com que possamos criar familiaridade com a carta e com acontecimentos da nossa vida. Nesta pesquisa, foi utilizado o processo inverso, pois, já conhecendo os seus significados, foi necessário visualizar símbolos que remetessem ao significado, passando assim por um processo de autoconhecimento.

A escolha pelo Tarot de Marselha foi por dois motivos: primeiro, por este ser tão enigmático em suas figuras; segundo por ser o Tarot mais antigo ainda existente, representando assim um aperfeiçoamento para meu processo criativo, além de um aprofundamento nas raízes do Tarot.

Além disto, os estudos propostos sobre o mapa da jornada pelas três etapas descritas por Nichols (1997) percorridas pelo herói (O Louco): Reino dos Deuses (do Mago ao Carro), Reino da Realidade e Equilíbrio (da Justiça à Temperança) e Reino da Iluminação Celestial (do Diabo ao Mundo) mostram o quanto somos pegos em nossas vidas percorrendo estes caminhos.

As quinze cartas recriadas, do Louco até a Temperança, foram escolhidas justamente por serem parte das duas primeiras etapas da jornada do herói, elas representam as fases em que o herói, neste caso o Louco, passa da busca da transformação, da estruturação, da personalidade, nas sete primeiras cartas, para as sete seguintes, que o auxiliam a enfrentar os perigos do mundo. As próximas cartas, por sua vez, mostram o confronto do herói com o próprio inconsciente. Por este motivo apenas as duas primeiras etapas foram trabalhadas, por serem mais “terrenas” e “externas”.

Este trabalho me possibilitou materializar conhecimentos e experiências de sentir e imaginar dando ao cientificismo dos estudos de história da arte um segundo plano e mostrando que a leitura das imagens do Tarot é mais que uma crença em uma arte divinatória oráculo, é uma porta de entrada para o próprio imaginário.

A ferramenta usada para dar forma aos símbolos foi o *Photoshop*. Com ele foi possível realizar a edição de imagens e as fotomontagens criaram uma nova cena em cada carta. Alguns conceitos sobre edição de imagem e fotomontagem foram utilizados para o processo, bem como, algumas fotografias foram produzidas para fazer parte dos cenários.

A fotomontagem foi utilizada como meio para a elaboração das cartas por ser uma ferramenta que possibilita a união de símbolos, de maneira que estes possam ser alocados um a um em composição de modo compartimentado.

De modo geral, o objetivo do trabalho, que era encontrar por meio da edição de imagens uma nova plasticidade da poética para as cartas do Tarot, mantendo o simbolismo dos elementos dispostos em cada carta, foi alcançado ao longo desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

CHIODA, Leonardo. **A restauração do Tarô de Marselha por Philippe Camoin e Alejandro Jodorowsky.** Clube do Tarô, 2009 Disponível online <http://www.clubedotaro.com.br/site/p55_8_Jodorowsky.asp> Acesso em: 07/10/2021.

D'AMBROSIO, U. **Teoria da Relatividade**, o Princípio da Incerteza. In: GUINSBURG, J. (Org.). **O expressionismo.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

FÁVERO, Altair Alberto ; GABOARDI, Ediovani Antônio. **Apresentação de trabalhos científicos:** normas e orientações práticas. 5. ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GUERRA, Nadam. **Como de tornar um artista mago: experiência e criação entre a arte e a magia ou aprendizados da Virgem do Alto do Moura e do Materializador de sonhos.** Rio de Janeiro. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2019

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de Símbolos.** 7ª ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2007.

NAIFF, Nei. **Curso Completo de Tarô.** 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2015.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o Tarô:** uma jornada arquetípica. São Paulo: Editora Cultrix, 1997

BAPTISTA, Ana Maria Haddad , ROGGERO, Rosemary, D'AMBROSIO, Ubiratan. **Signos artísticos em movimento.** BT Acadêmica. 2017

JODOROWSKY, Alejandro e COSTA, Marianne: **O caminho do Tarot.** São Paulo. Editora Campos, 2016.

JUNG, C.G. **Psicologia e Alquimia.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2009.

JUNG, C.G. [et al.]. **O homem e seus símbolos.** Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3 ed. Especial. Rio de Janeiro : Ed.HarperCollins Brasil, 2016.

JUNG, C.G. **Arquétipos e o Inconsciente Coletivo.** Petrópolis - Ed. Vozes, 2002.

PARISSE, Rorian, **Tarô de Marselha: jornada do autoconhecimento: guia do usuário para tiragens e Interpretações.** São Paulo: Ed Pensamento Cultrix, 2020.

VASCONCELOS, Ligia Balestra. **Cartas de tarô:** a circulação e sobrevivência das imagens na corte de Milão. In: Anais VI ENEIMAGEM III EIEIMAGEM ISBN: 978-85-7846-445-5. Londrina. UEL, 2017. Disponível online <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2017>> Acesso em: 1/11/2020.

